

# O AUTÔMATO

EDIÇÃO 03

DESVENTURAS DE NATAL





**Copyright © 2023**

**Todos os direitos reservados.**



**Edição e Diagramação:** Allan F. F. Gouvea

**Leitura crítica e preparação de originais:** Thays Diniz

**Revisão:** Allan F. F. Gouvea

**Capa:** Thays Diniz e Allan F. F. Gouvea (com auxílio de IA)

**Ilustrações internas:** Allan F. F. Gouvea

**Autores:** Allan F. F. Gouvea, Biana Vendramini, Carol Soares, Ellen Fernandes, Flávia Sanchez, João Neto, Manu Silva, Mariana Santos, Myllene Wan Der Maas, Thays Diniz

# **Sumário**

## Editorial

Sophia e Luminara - Flávia Sanchez

Jingle Beer - Allan F. F. Gouvea

O Que Permanece - Carol Soares

Papai Cruel - Biana vendramini

O Fantasma de Yule - Myllene

A magia do Natal - Thays Diniz

Diabretes de Natal - Mariana Santos

Coincidência ou maldição - Ellen Fernandes

Tudo termina em 24 de dezembro - Manu Silva

O verdadeiro sentido do Natal - João Neto

# Editorial

Caros leitores, é com grande entusiasmo que apresentamos a terceira edição de O Autômato, intitulada “Desventuras de Natal”. Esta edição natalina nos convida a adentrar no universo das festividades de fim de ano, porém, de uma forma peculiar. Neste novo capítulo de nossa jornada literária, exploramos não somente o chamado "espírito natalino", mas também as complexidades e nuances desta época do ano que, apesar de ser bastante associada à alegria, união e celebração familiar, também pode trazer consigo uma série de desafios, desventuras e experiências incomuns, por vezes nos fazendo refletir sobre o verdadeiro significado dessa data.

Em "Desventuras de Natal", os contos apresentam narrativas singulares que ocorrem durante essa época peculiar. Aqui, encontraremos histórias que vão além do convencional, abordando diferentes aspectos do Natal: desde encontros familiares repletos de caos e surpresas até momentos solitários e introspectivos que permeiam a atmosfera festiva.

Conforme avançamos nessas histórias, convidamos vocês a compartilharem conosco as diferentes facetas desse período tão especial. Assim como nas edições anteriores, mesmo trabalhando em um tema específico nós procuramos proporcionar uma experiência de leitura diversificada. Cada conto oferece uma perspectiva única sobre o Natal, seja por meio de uma dose de humor, reflexão sobre o significado do Natal ou até mesmo um toque de mistério e suspense. Portanto, mesmo tendo como pano de fundo o Natal, estes contos carregam consigo narrativas multifacetadas, explorando as complexidades das emoções humanas – nem sempre se restringindo a seres humanos, conforme alguns contos nos mostrarão.

Convidamos vocês a se envolverem nessas 'Desventuras de Natal', onde cada conto é como um presente literário que desembrulha uma história única. Esperamos que essas narrativas possam despertar seus interesses, provocar risos e, quando for o caso, oferecer uma crítica sobre o sentido de tão marcante data. Agradecemos por nos acompanharem nesta jornada e desejamos a todos uma excelente leitura, um Feliz Natal e boas festas!

**Equipe O Autômato**

# Sophia e Luminara

Por Flávia Sanchez

Ter nascido no dia 24 de dezembro foi motivo de desagrado para Sophia em seus primeiros anos. Seus amigos nunca participavam de suas festas, visto terem uma ceia em família para celebrarem. Suas únicas companhias eram seus pais, que, para apaziguar sua solidão, contavam-lhe histórias sobre aventuras fantásticas, incluindo castelos, heróis, princesas e criaturas incríveis.

Sophia gostava de história de fadas madrinhas desde a mais tenra idade, possivelmente desde antes de nascer, uma vez que sua mãe lia para ela os contos dos Irmãos Grimm quando ainda a tinha dentro da barriga. Assim, grande foi a felicidade de Sophia ao ser visitada por uma fada no seu sétimo aniversário, fazendo-a, pela primeira vez, não desgostar daquela data. O nome da fada era Luminara e ela era conhecida por trazer presentes únicos e memórias preciosas para seus anfitriões a cada encontro.

Na véspera de Natal em que Sophia completou sete anos, Luminara apareceu em sua janela, emitindo um brilho suave e ostentando um sorriso radiante. Nas mãos da fada havia uma linda boneca com cabelo rosa e um vestido azul.

— O nome dela é Rosalinda — disse a fada. — E será sua amiga.

Ansiosa por enfim ter uma amizade presente em seu aniversário, Sophia sorriu exultante e seus olhos se iluminaram como se fossem galáxias gêmeas. Luminara compartilhou histórias incríveis sobre a boneca Rosalinda, como ela adorava comer bolinhos de chuva e tinha uma coruja de estimação chamada Nocturna.

Sophia se divertiu com suas novas amigas, a fada e a boca, por horas a fio, realizando diversas brincadeiras ao longo da noite. Mas, como todas as coisas mágicas, o tempo de Rosalinda com Sophia era limitado.

— É hora de Rosalinda partir para outros reinos — disse Luminara com uma voz melodiosa. — Mas ela prometeu voltar para mais aventuras.

Sophia segurou a boneca contra o peito e assentiu com tristeza.

— Vou esperar por ela até o próximo encontro, Luminara.

A fada sorriu, tocando suavemente a bochecha de Sophia com um dedo luminoso. A garotinha sentiu uma chama aconchegante e consoladora preencher cada partícula de seu pequenino corpo.

— Você é uma amiga leal, Sophia. Agora é hora de eu partir, mas lhe prometo, não é um adeus.

Na manhã seguinte, Luminara e Rosalinda haviam desaparecido, no entanto, a promessa da fada permaneceu.

Um ano depois, no Natal seguinte, Luminara retornou para o oitavo aniversário de Sophia. Rosalinda não estava com ela, no entanto a garotinha não se entristeceu, pois, a fada trouxera consigo um soldadinho de brinquedo chamado Magnificus.

— Ele está danificado e precisa de reparos — Luminara apontou para os braços e pernas de Magnificus, em mau estado de conservação.

Sophia e Luminara passaram o dia cuidando de Magnificus, o reconstruindo e o transformando de um brinquedo quebrado em um amigo belo e encantador. Juntas, elas compartilharam risadas enquanto o próprio Magnificus contava histórias engraçadas sobre suas aventuras anteriores.

— Você fez um ótimo trabalho, Sophia — elogiou Luminara. — Magnificus está muito feliz agora.

Entretanto, o tempo de partir novamente chegou, e Magnificus precisava regressar para o mundo ao qual pertencia.

— Você vai voltar, não é? — perguntou Sophia, preocupada.

Luminara acenou com a cabeça com um sorriso tranquilizador.

— Magnificus sempre estará por perto, mesmo quando você não puder vê-lo.

E assim, Magnificus desapareceu, deixando para trás uma sensação de alegria e antecipação para o próximo encontro.

Os anos passaram, e a tradição continuou. No nono aniversário de Sophia, Luminara a presenteou com uma visita de Rosalinda e Magnificus ao mesmo tempo, e Sophia não se lembrava de dia mais cheio de risos e brincadeiras.

Conforme a idade avançava, as visitas continuavam. A adolescência trouxera mudanças e novas experiências para Sophia, mas ela sempre reservava um tempo para as visitas de Luminara, sempre ansiando por seu aniversário natalino para recebê-la uma vez mais. A fada trazia presentes e personagens encantadores, como o adorável gato mágico de pelúcia chamado Felinoth e a destemida caçadora de tesouros chamada Serena. Cada novo amigo brinquedo acrescentava uma camada única à jornada compartilhada entre Sophia e Luminara.

À medida que Sophia amadurecia, sua conexão com Luminara também se aprofundava. Elas conversavam sobre sonhos, desafios e aspirações, e a fada passou a servir como uma confidente mágica que a guiava através das complexidades e desafios da vida. Mesmo quando Luminara não estava presente fisicamente, Sophia podia sentir seu apoio e orientação.

Certa noite, no auge da adolescência, Sophia e seus amigos se reuniram em uma pousada à beira-mar. Enquanto compartilhavam histórias e risadas, Luminara apareceu, trazendo consigo um senso de nostalgia e magia. Sophia precisou se retirar para o quarto, porque apenas ela era capaz de enxergar e ouvir a fada.

Daquela vez, Sophia foi quem mais falou, e Luminara a ouviu atentamente contar sobre suas aventuras recentes.

— É sempre um prazer te ver, Luminara — disse Sophia com um sorriso sincero, depois de compartilhar suas andanças das últimas férias de verão.

A fada sorriu e acenou com a cabeça.

— E é um prazer ver a pessoa incrível que você se tornou, Sophia.

Luminara a observou com ternura, feliz em ver a jovem que ela havia conhecido crescer e florescer.

Com o passar do tempo, Sophia embarcou em jornadas emocionantes, conhecendo novos aliados e enfrentando desafios mágicos em todos os seus aniversários (que se tornaram cada vez mais especiais, mesmo sendo na véspera de Natal), mesmo após atingir a maioridade. Em uma de suas aventuras, ela conheceu um cavaleiro corajoso de cabelos dourados chamado Artger. A conexão entre eles foi imediata, e Sophia soube que Artger seria um dos melhores amigos que faria na vida.

A relação entre Sophia e Luminara se tornou um alicerce essencial para ela enquanto navegava pelos tempestuosos mares da vida adulta. Mesmo quando as responsabilidades a levaram para longe de sua cidade natal, ela continuou encontrando tempo para as visitas anuais de Luminara. A fada continuava a trazer presentes e personagens mágicos, mantendo viva a tradição que elas começaram juntas quando Sophia era apenas uma criança.

Uma vez, numa noite estrelada, Sophia e Luminara se encontraram de novo, em um lugar especial. Sentadas sob o céu noturno, elas se recordaram das doces lembranças dos aniversários de Sophia, contando uma para a outra as histórias que viveram juntas, e compartilharam planos para o futuro. Sophia expressou seu desejo de criar seu próprio legado mágico, assim como Luminara fizera por ela.

— Você já é uma pessoa incrível, Sophia — disse Luminara com orgulho. — E eu estou confiante de que seu próprio legado brilhará ainda mais.

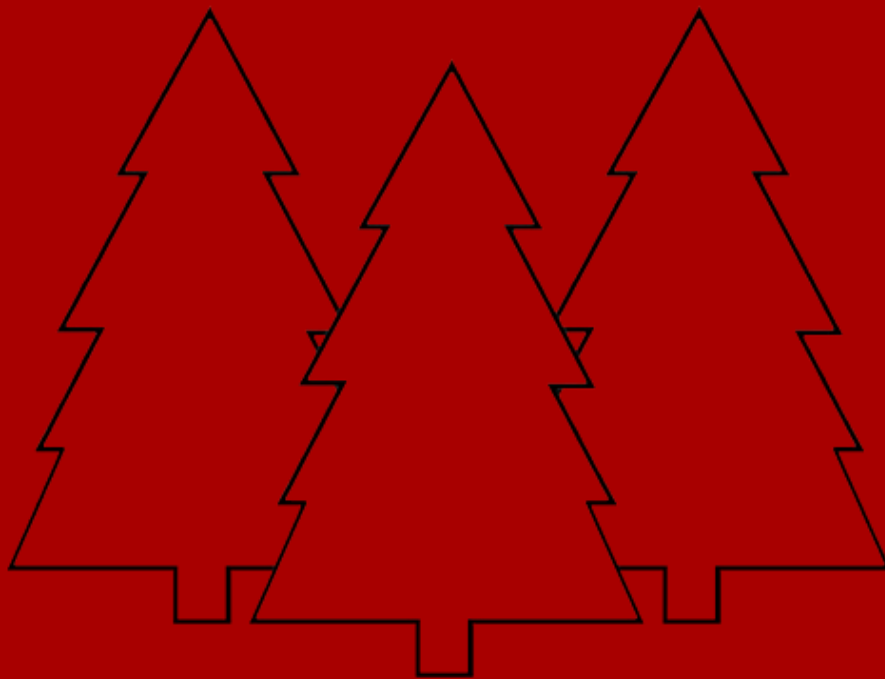
As palavras da fada encheram o coração de Sophia de ímpeto e esperança, lhe dando a coragem necessária. Ela sabia que, não importava aonde a vida a levasse, a conexão entre ela e Luminara nunca se desvaneceria.

Contemplando o céu noturno ao lado da fada, Sophia sentiu a presença de todos os amigos mágicos que ela conhecera ao longo dos anos, uma prova da riqueza das aventuras que tinha vivenciado. Então, Luminara desapareceu no horizonte, deixando para trás uma luz suave e admirável. A jornada mágica de Sophia continuaria, agora com o intuito de criar seu próprio legado e compartilhar com outras crianças a magia que Luminara trouxera para sua vida. Talvez (ou muito provavelmente) ela não tivesse as capacidades mágicas da fada, mas empregaria todo esforço possível para presentear quantas crianças conseguisse com brinquedos amigos em seus aniversários, ou quem sabe, em todos os natais, época na qual ela conhecera Luminara.



## Sobre a autora:

Flávia Sanchez, natural de Bragança/PA, é psicóloga e professora de educação Física. Durante seus estudos universitários, em ambas as áreas, atuou como revisora ortográfica de artigos e trabalhos acadêmicos. Também já se dedicou a diversos trabalhos voluntários em sua cidade natal, contribuindo para o bem-estar da comunidade. No mundo da escrita, encontrou sua voz como autora independente, publicando suas obras em plataformas literárias.



# Jingle Beer

Por Allan F. F. Gouvea

Há alguns anos eu ouvia que estudar em universidade federal é ter aula no natal e hoje acho que é verdade, porque sério, parece que isso vai acontecer. Já estamos na segunda semana de dezembro e não tem nem previsão para o semestre acabar, tudo porque os professores decidiram *grevar* durante três meses e agora nós, alunos, estamos pagando o pato. Pelo menos o professor vai nos liberar mais cedo hoje, afinal, é sexta-feira e ninguém merece ficar estudando nesse dia após às 17h45.

Está bem, professor, eu já entendi que é para entregar a resenha na semana que vem, pode nos liberar agora? Ótimo, acabou de nos liberar, muito obrigada!

Espera aí, o que a Paloma, nossa chefe de turma, está fazendo indo pra frente da sala? Ela tem algum aviso importante da diretoria do curso? Já marcaram o início do recesso?

— Oi, gente — Paloma chama atenção para si. — Antes de sairmos eu quero falar rapidinho com vocês.

Que seja rápido mesmo porque eu não aguento mais ficar em sala de aula essa semana, já deu, sabe? É sexta-feira, amiga, deixa a gente ir embora. Hã? Paloma, por que você está falando sobre as amizades que fizemos nesse primeiro ano de faculdade? O que isso tem a ver, mana? Se vai dizer que cada um de nós tem um lugar especial no seu coração então seja breve, não precisa se estender muito. A não sei que...

*Tomara que ela não proponha um amigo oculto, tomara que ela não proponha um amigo oculto, tomara que ela não proponha um amigo oculto... Ah, bosta, puta que me pariu, mano! Ela propôs um amigo oculto! Essa moleca não tem mais nada pra fazer, não? Amigo oculto em pleno 2015? Não tem condições, cara! E eu não tenho nem roupa pra isso!*

Agora ela tá perguntando quem quer participar e tá todo mundo topando. Essa gente também não tem nada melhor pra fazer? Porra, abaixem essas mãos, pra quê participar disso? Se querem presentes comprem alguma coisa pra vocês mesmos, no amigo oculto nós vamos gastar dinheiro de qualquer jeito.

Só sei que eu não vou participar, não sou obrigada, mas Paloma está perguntando pra todo mundo que não levantou a mão, um por um. Menina chata, eu hein! Mas não tem problema, quando ela perguntar pra mim eu vou dizer muito obrigada, mas não quero. Espera aí, por que tá todo mundo olhando pra mim agora? Mano, que constrangimento do caralho vocês estão me fazendo passar!

— Mari? — Paloma chama meu nome e tem quarenta pares de olhos voltados para mim. — Vamos, vai ser legal confraternizar com a turma.

Mas ôh, caceta, eu já vejo vocês todos os dias de segunda à sexta, então por que diabos preciso tirar um dia do meu escasso recesso de fim de ano pra olhar de novo para as caras de vocês? Sem falar que o meu orçamento está todo contadinho, dinheiro do busão separado, da minha roupa de natal e réveillon, da minha parte na coleta da família para comprar a árvore de natal e os ingredientes da ceia, tá tudo minimamente contabilizado e me comprometer a comprar presente para uma pessoa que não estava nos planos só porque eu tirei o nome dela em um papelzinho vai avacalhar com todo o meu planejamento, eu vou ter que calcular tudo de novo e talvez até tirar horas extras no bar do Seu Barroso pra recuperar o dinheiro gasto e não comprometer minhas obrigações financeiras.

— Tá, eu participo — aceito.

Paloma sorriu de um jeito bizarro que a faz parecer um dos irmãos metralhas e eu só quero saber de dar um tapa na minha cara por ser tão tapada e ter concordado com essa idiotice de amigo oculto. Onde eu tava com a cabeça? Ah, não, vou voltar atrás, dizer que sinto muito, mas não vai rolar e mandar riscarem meu nome da lista.

Eles já estão cortando os nomes e os colocando dentro de um potinho que sei lá de onde tiraram. Ah, eu sei sim, deve ter sido da mochila da Paloma, com certeza ela já estava com essa ideia de amigo oculto antes de vir pra cá e preparou esse pote para fazer o sorteio. Ela premeditou tudo! Como uma pessoa pode pensar assim? Ela nem tinha como saber se a galera ia topa e já veio preparada para sortear os nomes? Minha nossa, essa garota é sinistra!

Ok, agora é minha vez de pegar um dos nomes no potinho. Deixa eu ver quem eu tirei. Foi a Ana Poliana, sério isso? Não sei o que é pior, tirar a patricinha da turma ou

saber que alguém colocou na filha o nome de Ana Poliana. É cada gente esquisita vivendo nesse mundo. Eu me pergunto o que deve se passar na cabeça desse tipo de pessoa.

Agora meu celular começou a vibrar, deixa eu ver quem tá me ligando. Ah, é o Seu Barroso, vou recusar a chamada, ele sempre me liga pra chamar minha atenção pras mensagens. Pronto, abri o WhatsApp, tem mensagem dele mesmo, o que será que ele quer? Pergunta idiota, claro que tá me chamando pra trabalhar.

*[11/12 17:55] Seu BARroso: Marina o bar ta cheio vc pode vim trabalhar hoje?*

Normalmente eu tiro uns trampos como balconista no bar dele nas noites de sábado e domingo, e raramente ele me chama às sextas. Eu poderia recusar numa boa, o Seu Barroso entende que dia de semana é complicado pra mim, porque preciso fazer as coisas da faculdade. Entretanto, graças a essa gênio da Paloma eu preciso de dinheiro extra pra comprar o presente da Ana Poliana. Pego o celular e começo a digitar.

*[11/12 17:55] Mari: Sim eu posso ir hoje*

Não envio, primeiro eu penso na possibilidade de ir outro dia. Talvez na sexta que vem ele me chame de novo, afinal, é dezembro e o movimento costuma ser caótico nessa época. É, pode ser, vou dizer que hoje não dá, mas estarei à disposição na próxima semana...

Porra, não tem como! Agora eu tô com essa porcaria de gasto adicional na cabeça e isso já tá me aborrecendo! Se eu não for hoje vou passar a semana toda matutando que preciso de dinheiro a mais e não vou ter sossego até conseguir o bendito dinheiro pra comprar o bendito presente.

Que agonia, meu! Eu vou te matar, Paloma!

Pronto, cliquei no botão de enviar mensagens, porque né, não tenho alternativa, melhor me livrar logo desse imprevisto. Eu só não sei o que comprar pra essa menina que tem cara de limpar a bunda com uma nota de cem pilas. Acho que ouvi a Paloma falar

sobre postarmos no grupo da turma no Facebook quais presentes gostaríamos de ganhar. Só espero que a Ana Poliana não peça nada muito chique.

Enquanto caminho em direção ao terminal rodoviário da universidade eu penso no que Ana Poliana poderia colocar na lista de desejos. Um laço pra cabeça? Um kit de maquiagem? É até difícil imaginar o que uma riquinha pode querer que já não tenha.

Eu não sei bem porque tô pensando nisso, é só esperar ela postar no Facebook e eu vou saber... Mas e se for muito caro? E o que raios ela pode querer que seja barato? Por acaso ela tem bichos? Talvez presilhas pra orelhas de cachorro ou gato caia bem, apesar de ela não ter cara de ser mãe de pet. Ou ela é? Sei não, se for, é provável que seja de um São Bernardo ou um Yorkshire, essas raças de cachorros de madame.

Cacete, meu ônibus! Espera!

Ufa, consegui pegar, mesmo tendo quase perdido o pulmão nessa corrida. É foda depender de ônibus e eu nem estou indo pra casa, e pra completar o busão tá lotado e eu tô em pé, então tem nem como descansar antes de chegar no trampo. Ôh dureza, viu?

E olha, o bar realmente está um caldeirão hoje. Deu nem tempo de vestir o uniforme, porque, assim que me viu, Seu Barroso praticamente me empurrou para trás do balcão, pra ajudar os outros balconistas, a essa altura mais agoniados que pinguins na savana, de tanta gente ali para atender. A única coisa que pus foi o gorro de Natal na cabeça, pois a época do ano exige essa breguice dos funcionários, seja de bares, restaurantes, pet shops ou casas de penhores. Já começo a cogitar a possibilidade de fingir demência e esquecer do amigo oculto.

Ou talvez eu devesse dar para Ana Poliana uma garrafa de cachaça, vai que de repente ela é uma riquinha rebelde.

Aí vem o meu primeiro cliente de hoje.

— *Good Evening* — o inglês dele é tão perfeito que só pode ser gringo. — Eu *kieirul* uma *caipiureena* de *dorze*.

Quê?! Mano, o que caceta esse cara tá falando?

— Moço, desculpe, eu não lhe entendi

Obviamente ele também não me entendeu, porque olha pra mim com uma cara de quem está mais perdido que surdo em bingo. Ah, pronto, ele desistiu de arriscar o português e agora soltou uma frase inteira em inglês e eu não tô entendendo nada.

— Ele pediu uma dose de caipirinha — traduz Hélio, ao meu lado, antes de disparar atrás do pedido de outro cliente. Obrigada mesmo assim, Hélio.

Ainda bem que o gringo pagou a caipirinha dele no dinheiro e o troco era pouco, porque eu não tava nem um pouco afim de passar a máquina de...

— Oi, pode mandar um balde de litrão para a mesa nove?

— Pedidos para mesas devem ser feitos com os garçons — eu explico. — Aqui nós só atendemos pedidos únicos.

Por que tá me olhando com essa cara emburrada, moleque? Isso mesmo, vai embora bufando, como se a culpa fosse minha. Na verdade, é muita burrice tua levantar da mesa e vir ao balcão pedir um balde quando poderia só acenar para um dos garçons. Eu mesma não...

— Boa noite — outro cliente me cumprimenta.

Que inferno, eu não posso mais nem completar meus pensamentos!

— Boa noite — respondo. — O que você deseja?

— Eu queria saber se vocês têm Jack Daniels.

Jack Daniels? Não conheço. Olho para o aparelho de som atrás de mim e vejo que ele está executando as músicas do pen drive inserido, então não tem como eu alterar.

— Não sei dizer — respondo de novo. — As músicas estão rolando aleatoriamente.

É comum alguns clientes se chatearem quando nós falamos que não dá para pôr as músicas dos artistas e bandas que eles pedem, mas esse aí não tá chateado, não. Em vez disso, ele me olha com espanto, mas é um espanto meio... diferente, é como se ele me achasse a pessoa mais burra do mundo e eu não sei o porquê. Felizmente ele não gasta muito meu tempo e se afasta balançando a cabeça.

É cada debochado, viu? Vou te contar.

— Eu quero um *shot* de tequila — pede uma menina de cabelo verde.

Essa aí tem cara de quem vai ficar louca até o fim da noite e vai dar trabalho para os amigos dela. Na certa deve ser carregada pra casa de alguém e lá vai vomitar em cima do cachorro e desmaiar na privada. Mas quem sou eu pra julgar, né?

— Tem absinto? — pergunta um homem alto, barbudo e gordo.

Putá merda, esse superou a louca da tequila! O cara nem mira numa Montilla ou em uma cachaça, já quer ir direto para a bebida mais trevosa do planeta, a menos que apareça alguém querendo beber álcool de farmácia.

— Não temos absinto, moço.

Ele coça a barba, pensativo. Não parece decepcionado, acho que já esperava não termos essa bebida.

— Então me dê São João da Barra.

Esse é corajoso mesmo, se a Ana Poliana limpa a bunda com uma nota de cem, o sujeito aqui deve limpar com uma folha de urtiga. Como dizem, quem tem *cool* tem medo, mas o desse aí deve ser um *cool* de aço, porque só assim para ele não ter medo de tomar esse tipo de conhaque.

[...]

Mano, vou te contar, eu nunca morri de amores pela Paloma. Veja bem, não que eu tivesse algo contra ela, apenas nunca fomos muito próximas. Mas agora eu odeio essa menina, sério. Por culpa dessa presepada de amigo oculto proposto por ela eu precisei vir ao bar hoje. Eu enfrento esse movimento aos sábados e domingos, e duas vezes na semana já tá de bom tamanho, mas eu tive que trabalhar nessa sexta também pra ter o dinheiro do presente da Ana Poliana, que eu ainda nem sei qual é.

Além disso, eu também me odeio por não ter tido coragem de me recusar a participar dessa festinha. Com certeza quando chegar o dia eu vou me sentir mais desajustada que palhaço em velório.

É quase meia-noite e o bar continua uma zona completa. Minha sorte é que, Seu Barroso me dispensa logo após às 23h30, e o bar fica perto da minha casa, então o táxi

não sai muito caro – ao menos não arranca muito da minha *diária* como balconista, que aliás, nem foi minha única função hoje.

Eu também virei espectadora de todo tipo de esquisitice.

Primeiro, um grupo de amigos tentou organizar um concurso de suéteres bizarros de Natal, transformando o bar em uma mistura de cores, luzes e enfeites peculiares. Eu precisei lidar com os competidores animados e suas escolhas excêntricas de coquetéis que combinassem com suas roupas. Um deles inclusive reclamou que o *Blue Curaçao* estava com um azul muito marinho e o certo era estar mais perto do azul jeans.

É cada folgado, viu? Vou te contar.

Quando a competição de suéteres terminou, um "Papai Noel" inusitado entrou em cena, distribuindo latinhas de cerveja como presentes para todo mundo, afim de pagar alguma promessa feita para São-Sei-Lá-O-Quê-Das-Quantas. A fila para atendimento ficou ainda pior nessa hora e eu quase errei alguns. Ah, e o Papai Noel passou tudo no cartão de crédito. Me pergunto se ele vai se arrepender da promessa quando a próxima fatura chegar no valor de três mil e quinhentos.

Depois, um grupo de músicos amadores decidiu fazer um show improvisado de músicas natalinas, mas nenhum deles parecia conhecer mais de dois acordes. O resultado foi um concerto tão "incrível" que faria a primeira fase de um programa de show de calouros da TV parecer uma premiação do Grammy.

Pelo menos agora eu posso ficar com a cabeça sossegada, porque já tenho o dinheiro extra para comprar a droga do presente da Ana Poliana. Chegando em casa eu abro o Facebook e vejo que ela quer.

Me preparo para ir embora, porém, Seu Barroso acena para mim, me pedindo para esperar mais um instante. Ele vem em minha direção, com certeza para saber se eu virei trabalhar amanhã. É claro que virei, meu dinheiro pode estar todo contado, inclusive até o do amigo oculto agora, mas está contado com o que ainda estar por vir.

Já estou com a resposta na ponta da língua para confirmar que virei amanhã, quando Seu Barroso pergunta:

— Mari, você gostaria de participar do nosso amigo oculto?



## Sobre o autor:

Allan F. F. Gouvea é natural de Belém do Pará. Formado em Geologia, também se dedica à escrita. Teve os contos “O Tormento de um homem morto” publicado na antologia Desespere-se (2021), “Assassinato no Baile de Máscara” na antologia Desafie-se (2022) e “A Conspiração a Vapor” na antologia Encante-se (2022), todas pela Qualis Editora, e também publica contos em plataformas independentes. Em 2023 ingressou na Academia de Letras de Ananindeua/PA (ALANIN) como membro fundador, ocupando a cadeira 20, cujo patrono é Carlos Drummond de Andrade.

**Instagram:** [allanfgouvea](#)

**Amazon:** [Allan F. F. Gouvea](#)



# O Que Permanece

Por Carol Soares

Pedrinhas batem contra o vidro da janela do seu quarto te puxando do seu sono, você reconhece quem é apenas pelo ritmo das pedrinhas, em intervalos quase perfeitos de sete em sete segundos, até você abrir e sussurrar para ele parar. Desde que vocês eram meninos sempre sete e sete.

E lá está ele recém saído das árvores que ficavam entre a propriedade dos Norringtons e dos Lanes. Ele não devia estar aqui, estar aqui significa que ele vai se meter em tantos problemas, você sabe disso muito bem e ainda assim algo em você se alegra ao vê-lo lá debaixo.

Você realmente é um rapaz egoísta, ou talvez você apenas sentiu a falta dele demais, é difícil saber a diferença nesses dias.

Talvez o pelotão dele tenha recebido permissão para voltar para casa para o natal?

“Rapunzel jogue seus cabelos cor de mel!” ele diz bem mais alto do que ele deveria.

É uma piada idiota, para começar você é um homem, seu nome é Bertrand, seus cabelos são bem curtos, e eles certamente não são loiros. E ainda assim hora e meia nas suas visitas ele dizia isso, uma vez você perguntou o porquê ele insistia com aquela piada sem sentido, e ele disse que é claro que tinha sentido, você era Rapunzel preso em sua torre sonhando do mundo do lado de fora, mas sem ousar ir para o lado de fora até o seu príncipe chegar. “E você seria o príncipe nessa analogia?” você perguntou na ocasião, “Quem mais eu poderia ser?” ele disse como se tudo fosse completamente óbvio.

“Quieto você vai acordar minha mãe.” você sussurra para ele da sacada.

Sua mãe nunca gostou da sua amizade com o menino mestiço que Lorde Norrington trouxe após sua viagem às colônias. Ela dizia o tempo todo que ela não entendia porque um menino tão doce quanto você insistia em passar tanto do seu tempo com um menino tão atrevido e inconsequente como Elijah. E mesmo após o rapaz se juntar ao exército para lutar contra a França na guerra, o desgosto dela por ele não tinha passado.

Ele ri, e diz:

“Então desça e me encontre para que a bruxa não desperte de seu macabro sono.”

O ar da noite está bem frio, não está nevando, mas não te surpreenderia se daqui há alguns dias você acorde com um natal branco.

Você desce pelo pilastre da sacada, seus passos leves e precisos, sabendo onde pisar e como não cair ou fazer barulho que acordaria aqueles que dormiam dentro da casa. Eles eram assim por causa das muitas vezes que você já tinha feito aquele percurso com aquele exato propósito.

“Minha mãe é uma mulher adorável.” você diz quando seus pés tocam o chão.

“Eu vou acreditar quando eu ver Lady Ingrid agindo adoravelmente com alguém que não seja o seu adorável filhinho”

Por um segundo você espera que ele venha te abraçar. Mas ele provavelmente se sente um tanto estranho considerando as coisas que vocês disseram e fizeram antes da sua partida. Vocês trocaram cartas, mas nessas nada a respeito daquele dia foi mencionado. Algumas vezes em sua paranoia você se perguntava se você não tinha imaginado afinal as palavras cheias de raiva trocadas naquele dia, esse era um pensamento agradável.

“Eu não ouvi ninguém na vila comentando que tinha um pelotão vindo para esses lados.” você diz.

“Isso é porque não tem, eu vim sozinho.”

“Elijah por favor não me diga que você desertou o exército, você sabe o quão terríveis as punições são.”

“Eu pareço com um desertor para você?”

Você dá para ele um olhar de quem já tinha visto ele quebrar todo tipo de regra, mesmo aquelas que poderiam lhe trazer consequências horríveis, frequentemente apenas porque ele estava entediado.

“Certo. Justo. Mas eu não sou um desertor. Nada ruim vai acontecer comigo por vir aqui.”

“Promete?”

“Prometo.”

Só então ele te toca, e quando ele começa ele não para.

Ele sente diferente de alguma maneira, mas você decide que não importa, você provavelmente sente diferente para ele também, e como um soneto que você sempre adorou dizia amor não seria amor se este se alterasse quando alteração no outro encontrasse. Vocês não precisam permanecer os mesmos. O que permanece por debaixo das alterações era você e ele, era amor. Vocês estavam juntos, vocês estavam bem.

Após acabar você deita sua cabeça no peito dele, olhando para as estrelas você pensa na última briga que vocês tiveram quando você finalmente contou para ele que ele iria partir sozinho, que você ia ficar aqui. O quão furioso ele ficou, como ele te chamou de fraco e um covarde. Escolhendo sua torre mesmo com a possibilidade de fuga ali tão fácil. E isso era um problema Lane Hall talvez fosse uma torre, mas não era uma prisão, pelo menos não uma que você escaparia.

Você olha para ele, sereno debaixo do luar, e você se sente culpado por arruinar o momento.

“Eu ainda não posso ir com você, eu sinto muito. Eu sei que nós sonhamos de viajar o mundo tendo aventuras, mas eu sou o único homem na casa, se algo acontecer comigo minha mãe e minhas irmãs vão depender da generosidade de primos e tios e eu não posso partir e fazer o que eu quiser sem me preocupar em como vai afetar elas.”

“Tudo bem.” ele diz passando seus dedos levemente por seus cabelos.

“Essa é uma reação diferente da última vez.”

“O tempo muda as pessoas.”

“Eu ainda não terminei.”

“Certo, vossa alteza, termine e esse humilde servo permanecerá quieto.”

“Eu achei que você fosse o príncipe.”

“Eu não tenho certeza o que eu sou mais, mas continue o que você ia dizer antes.”

“Certo...Eu sei que você se preocupa que ficando longe nossos sentimentos vão mudar ou enfraquecer, o que eu vou ceder a pressão de achar uma esposa, mas eu lhe garanto que esse não é o caso, certamente minhas irmãs vão ter filhos e isso é o suficiente

para mim. Em termos de romance eu apenas quero você e eu vou continuar apenas querendo você. Eu prometo.”

“Esse não é o tipo de coisa que é prudente prometer.”

“Talvez não, mas eu prometo de qualquer maneira.”

“Me prometa na próxima vez que nós encontrarmos, se você ainda sentir da mesma maneira.”

“Tem algo que você queira me contar?”

“Vamos apenas olhar para a lua hoje, vamos deixar as respostas para amanhã.”

[...]

No dia seguinte veio com a notícia que o bastardo de Lorde Norrington tinha morrido em batalha na noite anterior, e você tentou explicar às pessoas que havia um erro, que não tinha maneira nenhuma dele estar morto porque você o viu na noite anterior, ele não estava mais lá quando você acordou, mas havia muitas explicações para isso.

Você não acreditou até o corpo chegar alguns dias depois, na manhã de 24 de dezembro com todas as condecorações que um que morreu pela pátria merecia.

O enterro ocorreu naquele mesmo dia e então você foi para o seu quarto.

Apesar de tudo ainda houve uma ceia de natal aquela noite no andar de baixo. Pouco após a meia noite sua mãe apareceu no seu quarto, carregando uma bandeja de comida e depois de colocá-la na sua escrivaninha se sentando ao seu lado. A presença dela, geralmente um conforto, agora era a última coisa que você queria.

“Feliz natal.” ela diz.

Você não responde.

“Você quer conversar sobre Elijah?” ela pergunta.

“Não com a senhora, você nunca gostou dele.”

“Sim, mas não pelo motivo que você acha, ele era tão parecido com o seu pai, e você foi sempre tão similar a mim. Eu sabia que ele ia partir o seu coração.”

Isso te surpreendeu, mas ainda assim você diz:

“Eu gostaria de ficar sozinho agora mãe.”

“Certo. Se você precisar de mim, eu vou estar lá embaixo.”

Você adormece entre lágrimas e acorda com estas secas em seu rosto e com o som de pedrinhas sendo jogadas contra a janela do seu quarto em um padrão bem reconhecível de intervalos de sete em sete segundos.

Você desce pelo pilastre da sacada, seus pés leves e precisos, sabendo onde pisar e como não cair ou fazer barulho que acordaria aqueles que dormiam dentro da casa. Mas dessa vez você não se importaria se eles ouvissem, se alguém visse que realmente ele estava aqui.

Você olha para ele, vendo todas as diferenças, como a pele dele parecia quase translúcida debaixo da lua, como o corpo dele não tinha nenhuma sombra debaixo, como você não viu isso antes? Você estava realmente tão cego por amor e saudade? Ou algo em você não estava pronto para ver ainda apesar de ser tão óbvio?

Você estica seus dedos e roça o braço dele.

“Como eu posso te tocar?”

“Eu não tenho ideia, eu nem sabia que eu poderia até tentar, talvez seja porque eu escolhi ficar aqui para te ver de novo.”

"Como assim escolheu?"

"Houve um pequeno momento de escolha, eu não sei se era céu como eles dizem na igreja, mas parecia um lugar bom, e ainda assim eu escolhi você. Você devia se sentir bem lisonjeado.”

“Você deveria ter me contado.”

“Oh e você teria acreditado se eu dissesse que eu morri um pouco mais cedo naquela noite?”

“Não, mas ainda assim você deveria ter me contado...e eu deveria ter estado lá, se eu tivesse ido com você talvez eu poderia-”

“Você poderia ter morrido, a maioria dos homens que lutaram comigo naquele dia morreram. E o que seria da sua mãe e das suas irmãs?”

“Não use minhas palavras contra mim.”

“Eu não estou contra você, eu estou apenas mostrando que você estava certo. Eu fui porque eu queria glória e aventura e eu arruinei tudo para nós dois. Eu realmente sinto muito.”

“E eu ainda prometo o que eu disse na última vez que nós conversamos.”

“Você não pode estar falando sério, até que a morte vos separe não significa nada para você? Meu amor, a morte nos separou.”

“Esses são os votos que eles fazem, não os meus. Amor não é amor se esse se altera quando alteração encontra e eu amo você. Nada vai mudar isso. Não tempo, não distância, não morte.”

Elijah pareceu um tanto atônito por um segundo, tocado obviamente, mas ainda hesitante, um tanto tímido. Você amava quando você conseguia deixar ele desse jeito.

“Citando Shakespeare, huh? Isso é um tanto melodramático, você não acha?”

“Você literalmente escolheu ficar comigo ao invés de ir para o céu, você realmente quer falar sobre eu sendo melodramático?”

“Eu disse bem claramente que eu não tinha certeza se era o céu...e ainda assim isso é uma coisa tão estúpida de prometer.”

“E também uma coisa tão estúpida de se fazer na sua parte.”

Você sente algo cair na sua bochecha, um floco de neve. Você estava certo, vai ser um natal branco esse ano.

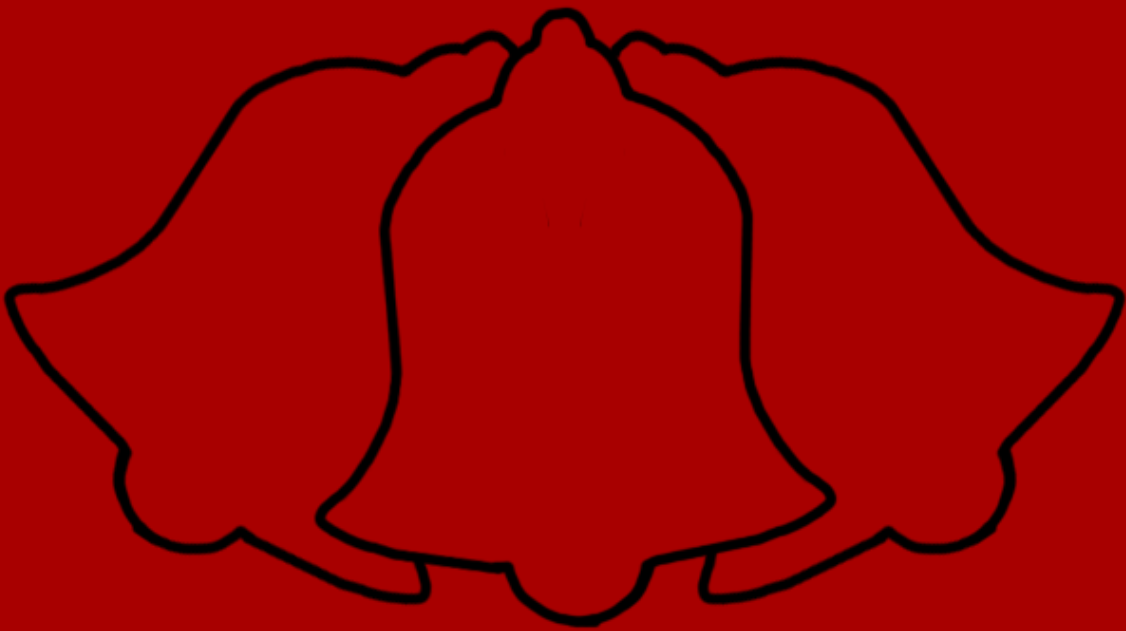
Ele toca a sua bochecha para limpar o floco de neve.

E você pode sentir ele. Diferente, mas ainda ele. Você o beija enquanto a neve cai ao seu redor. E dentro você sabe que isso é uma consolação após a tragédia, não um final feliz. Mas por este momento sente bastante como se fosse.

## Sobre a autora:

Carol Soares é autora do livro de contos O Monstruoso Feminino e teve contos publicados na antologia Conto Brasil. Tem trinta anos e mora em Teresópolis no topo de uma montanha cercada por livros e gatos.

**Linktree:** [Carol Soares](#)





# Papai Cruel

Por Biana Bendramini

James e seu irmão gêmeo Jordan, embora praticamente iguais de aparência, na personalidade eram totalmente opostos como azeite e vinagre. Jordan sempre foi o filho “exemplo”, ou como James costumava chamá-lo, “virjão”, enquanto o outro podia-se dizer que era a ovelha negra da família. James constantemente se envolvia nas piores encrencas existentes, muitas delas brigas de escola, fora as aulas que adorava matar e muitas vezes dava suas escapulidas da instituição de ensino junto aos colegas encenqueiros para passar a tarde vagabundeando pela cidade.

Mas sempre que estava perto do Natal ele procurava ser, ou pelo menos fingia ser mais como Jordan tentando ao máximo se passar por um bom filho para agradar seus pais, pois obviamente também queria ganhar presentes. Se James acreditava nessa história de Papai Noel? Há muito tempo tinha deixado de crer em tal baboseira assim como o irmão, afinal eram dois meninos prestes a entrarem em suas fases adolescentes. Entretanto, o que o encenqueiro não sabia era que naquele Natal em específico estava prestes a rever tal conceito, mas de uma perspectiva totalmente contrária.

No dia vinte e três, James não conseguiu evitar e acabou indo parar na diretoria por uma peça pregada na sala de aula com o nerd da turma. Na verdade, nem tinha sido ideia dele e sim da galera com quem andava, uma aposta que claramente não pôde recusar, afinal ele nunca perdeu uma aposta até hoje contra seus colegas. Como tudo ocorreu no começo do expediente escolar, James levou suspensão pelo resto do dia e seu pai precisou buscá-lo na escola. O jovem levou aquele sermão ensaiado que praticamente já o tinha decorado em sua mente de tanto ouvi-lo em seu dia a dia e como de costume fingiu que tirou alguma lição disso, apesar de permanecer de castigo sem poder sair de casa até a véspera de Natal.

Chegada a tão esperada véspera, os pais dos gêmeos prepararam uma ceia simples como costumavam fazer todos os anos, pois tinham o hábito de sair para farrear com os amigos assim que colocavam ambos os jovens para dormir após a refeição. E obviamente aquele Natal não seria diferente, exceto pelo fato de que James teria uma surpresa não tão agradável quando fosse bisbilhotar com Jordan os presentes que supostamente o Papai Noel havia deixado debaixo da árvore. Assim que tiveram certeza de que não havia mais

nenhum sinal de seus pais pela casa, os garotos saíram de suas camas durante a madrugada rumo a sala. Porém, Jordan resolveu ir ao banheiro do corredor do quarto que compartilhavam antes de descer as escadas e juntar-se ao irmão.

Assim que James chegou apressadamente ao pé da árvore e começou a revirar os presentes que lá se encontravam a procura dos seus, o semblante dele transformou-se instantaneamente de animado para frustrado ao não encontrá-los.

— Mas que merda... — praguejou entredentes socando um dos pacotes do irmão, resultado da fúria momentânea. — Não acredito que tiraram meus presentes por causa de uma simples peça que preguei... Eu odeio eles, odeio esse maldito Natal — concluiu cerrando um dos punhos ainda irritadiço.

No entanto, um estrondoso barulho de cascos no telhado da casa juntamente com sinos tilintando o trouxe de volta de seus pensamentos frustrados. Que raios poderia ser aquilo? Será que era... Papai Noel? Mas como poderia se ele não existe? Era o que o jovem se perguntava a cada instante, a medida que os ruídos continuavam e pareciam aproximar-se cada vez mais, o menino percebeu que se direcionavam para a boca da chaminé que encontrava-se próxima à árvore-de-natal. Passou a ouvir um ruído ainda mais estranho fazendo um arrepio gélido percorrer sua espinha, parecia que alguém ou algo estava se esgueirando por dentro do espaço estreito da chaminé. Ainda que certo temor tomasse conta de seu corpo, James inconscientemente deu alguns passos em direção à entrada do local, pois a curiosidade falou mais alto.

Naquele momento um forte impacto de algo atingindo o chão fez com que o mesmo caísse subitamente para trás batendo as costas contra o piso de madeira polida, porém ele não teve chance de lamentar a dor já que no instante seguinte sua visão se focou no que saia de dentro da chaminé. As pupilas de James dilataram-se, sua respiração e batimentos tornaram-se totalmente descompassados e palpitações, o sangue congelou nas veias enquanto o que surgia diante de seus olhos arregalados materializava-se em um ser de estatura alta trajando vestimentas rubras e carregava nas costas um enorme saco de pano como o bom velhinho, porém, encontrava-se vazio e o capuz da veste ocultava totalmente a face escondida impossibilitando que o jovem pudesse tentar identificar de quem se tratava, mas descartou completamente a possibilidade do Papai Noel quando visualizou as patas cobertas por pelos grosseiros e sustentadas por grandes cascos quebradiços e chifres avantajados que brotavam do capuz no topo da cabeça.

James só conseguia pensar em levantar-se e correr o mais rápido e longe que pudesse, mas o medo que o dominava naquele exato momento o impossibilitava, fazendo seu corpo ficar preso ao chão, como cimento. Sentiu suas pernas bambearem e sua voz sumir à medida que tentava gritar por ajuda e recuar rastejando com os cotovelos enquanto o ser sombrio aproximava-se lenta e temerosamente. Foi quando as terríveis garras pontiagudas se esticaram em direção a ele e o vapor do bafo fétido de carne pútrida surgiram de dentro do capuz dispersando pelo ar gélido, que o garoto finalmente levantou-se em um rompante e pôs-se a correr freneticamente em direção às escadas para o piso superior.

No meio da escadaria sentiu algo agarrar firmemente um de seus tornozelos, fazendo-o se desequilibrar e quase cair de queixo nos degraus, o que só não ocorreu porque teve reflexos ágeis e se segurou no corrimão. Ao olhar para trás pôde constatar que a criatura sombria o puxava por um chicote em uma das mãos sem muito esforço. O desespero do jovem só aumentou, embora ainda não conseguisse emitir qualquer som por seu estado de perplexidade que o impedia. Começou a sacudir violentamente a perna na tentativa de libertar-se à medida que esforçava-se arduamente para segurar-se no corrimão para não ser arrastado. Por sorte do destino conseguiu livrar-se do chicote e mais do que depressa retomou sua corrida. Ao voltar sua visão para trás novamente sem cessar os passos desesperados, avistou a sombra horripilante dos chifres se projetarem no início do corredor antes de trancar-se no quarto pressionando as costas contra a porta com a respiração ofegante e o coração quase a saltar pela garganta.

Porém, ao ouvir a voz de Jordan no corredor perguntando o que estava acontecendo, foi que lembrou-se que o irmão estava do lado de fora. Mas antes que pudesse gritar ao gêmeo para que fugisse, ouviu um estridente brado do mesmo e logo em seguida... O silêncio torturante. James ainda demorou alguns longos segundos até reunir coragem para destrancar a porta e verificar o que havia acontecido, porém, quando o fez não havia mais sinal da criatura e muito menos de Jordan. A porta do banheiro estava aberta e o recinto vazio. O mesmo em relação ao quarto dos pais. Ele desceu as escadas chamando preocupado pelo irmão, mas sem qualquer resposta. A casa nunca estivera tão tenebrosamente deserta como naquele momento e foi então que o menino deu-se conta que a criatura de alguma forma veio em busca dele e que Jordan havia sido levado erroneamente em seu lugar.

Boatos na vizinhança se espalharam sobre o ocorrido e que no ano seguinte James também desapareceu misteriosamente na madrugada de Natal. E tanto o caso do primeiro

gêmeo desaparecido como o segundo foi dado como inconclusivo por nenhuma prova do culpado ou qualquer pista do paradeiro dos garotos ter sido descoberta.

Dizem que na noite de Natal, quando as crianças ouvem durante a madrugada o barulho de cascos trotando sobre os telhados de suas casas e sinos tilintando, é o anúncio da tão esperada chegada do Papai Noel para deixar seus presentes. Todavia, algumas descobrem da pior forma que existe outro que visita as casas neste dia e ao invés de deixar presentes, leva embora as crianças levadas, para sempre... Então se não quiser receber a visita em sua casa do Papai Cruel, comporte-se.

## Sobre a autora:

Biana Vendramini é paulistana, amante da literatura e escritora contumaz desde 2015 dos gêneros fantasia, comédia, romance, drama, mas principalmente de terror e suspense que são seus favoritos. Possui contos publicados em revistas e antologias. Almeja instigar leitores, fazer a diferença na literatura brasileira e deixar seu legado na história através de suas palavras.

**Instagram:** [biana.vendramini](https://www.instagram.com/biana.vendramini)

**Inkspired:** [biana-v](https://www.inkspired.com/author/biana-v)



# O Fantasma de Yule

Por Myllene Wan Der Maas

Eu tinha oito anos quando tudo aconteceu. O ocorrido ainda martelava em minha mente sempre que se aproximavam as festas de final de ano. Eu me lembro detalhadamente daquela face, daquele sorriso e daquela voz. E também me lembrava de como havia sido salva do terror prestes a acontecer comigo naquela noite.

Era uma noite tranquila como qualquer outra. Especificamente, noite do dia 5 de dezembro. Meus pais já tinham enfeitado nossa casa para o Natal. Havia luzes em todos os cantos da casa, o pisca-pisca não deixava o nosso lar ficar no escuro, pois naquele ano meus pais decidiram deixar as luzes piscando a noite inteira, por conta da tradição.

Na cidade onde cresci, existia o costume de sempre enfeitar as casas com muitas luzes durante o mês de dezembro, não apenas para o Natal como também para espantar os demônios das festas de fim de ano. Um destes demônios era o Krampus, uma espécie de contraparte do Papai Noel que ia até as casas para punir as crianças desobedientes.

Para evitar que o Krampus entrasse em nossas casas, tudo deveria estar sempre muito bem iluminado a noite inteira. Ele não entrava onde era bem iluminado, assim diziam as histórias da nossa cidade.

Meus irmãos e eu ouvíamos de nossos pais as histórias dos demônios de dezembro desde os quatro anos. Éramos sete, quatro meninos e três meninas. Quando eu nasci, por ser a mais nova, me tornei uma celebridade na cidade inteira, porém, não por algo bom. Os moradores mais idosos, ao invés de congratularem meus pais por mais uma criança, lamentaram meu nascimento. Eu não entendia o motivo da lamentação deles.

Até aquela noite.

Eu ajudara meus pais a arrumarem os enfeites para o Natal, ficando encantada quando eles acenderam as luzes em cada canto da casa, em cada cômodo. A árvore de natal estava totalmente enfeitada ao lado da lareira acesa. A mesa de centro da sala de estar estava recheada com pratos de biscoitos de gengibre que eu e minha mãe fizemos, e, antes de subirmos para nossos quartos, meu irmão deixou um copo de leite ao lado dos pratos.

Também era tradição deixar os biscoitos e o leite próximos à lareira para caso o Krampus conseguisse entrar, ter algo para comer, sem ter de pegar alguma criança e levá-la embora. Era uma forma de evitar que qualquer criança fosse sequestrada e servisse de alimento para o demônio do Natal.

Minha mãe nos colocou na cama, beijando nossas testas e nos cobrindo com o cobertor antes de apagar as luzes do quarto e acender o pisca-pisca na janela. Meu pai fechou a cortina, impedindo que a luz do pisca-pisca atrapalhasse nosso sono. Depois, eles saíram do quarto, fecharam a porta e nós três dormimos.

Acordei algumas horas mais tarde, escutando um barulho no andar de baixo, na sala de estar. Meu irmão também havia acordado quando me virei na cama. Ele apertava os olhos com força, tampando a boca com as duas mãos para impedir que seu choro despertasse nosso outro irmão. Eu sabia porque ele estava com medo.

O Krampus havia entrado em nossa casa!

Eu, no entanto, ao invés de sentir medo, fiquei empolgada. Pois, se o demônio do Natal existia, o Papai Noel também era real!

Eu estava prestes a me virar na cama e voltar a dormir quando escutei um som de sinos vindo do telhado. Minha empolgação aumentou quando escutei aquele som, pois o que anunciava o Krampus era o arrastar de suas correntes. Os sinos pertenciam a outra pessoa.

Com um enorme sorriso no rosto, me levantei da cama em silêncio, sempre olhando para meus irmãos enquanto ia até a porta do quarto. Apenas saí ao perceber que nenhum dos dois notara minha movimentação. Fechei a porta atrás de mim com cuidado, e andei na ponta dos pés pelo corredor.

Foi muito difícil manter o silêncio, eu queria correr escada abaixo e ter certeza de que veria o Papai Noel, um sonho que todas as crianças tinham e nunca haviam conseguido realizar. Mas eu realizaria! E seria naquela noite!

Se ao menos eu soubesse o significado daquilo...

Quando meus pais diziam que era proibido tentar ver o Papai Noel, eu nunca compreendera suas palavras, pois o Bom Velhinho não seria capaz de fazer algo contra as crianças. Mas eu estava prestes a compreender, da pior maneira possível.

Ao descer as escadas, vi um homem grande parado perto da lareira, agora apagada. As luzes piscavam, iluminando a sala de estar como um arco-íris. O homem tinha um gorro vermelho em sua cabeça, os cabelos brancos ainda um pouco visíveis, sua roupa completamente vermelha, um cinto preto em sua cintura e um grande saco vermelho ao lado da árvore de natal. Era ele, o Papai Noel!

Eu sorri. Estava parada ao pé da escada quando ele se virou na minha direção, como se já soubesse da minha presença. Seu rosto não era muito similar ao de um velhinho, como as histórias de meus pais me fizeram acreditar. Na verdade, era tão novo quanto o rosto do meu pai! Ele não era velho! Seus olhos eram azuis e sua barba escondia parcialmente sua boca, mas eu percebi seu sorriso.

— Ho Ho Ho! — ele deu sua característica risada. — Veja só! Uma criança! — ele agachou, estendendo os braços e os mantendo abertos, como se estivesse me chamando para um abraço. — Uma criancinha!

Abri um enorme sorriso e corri até seus braços. Ele riu outra vez quando o abracei, seus enormes e fortes braços me envolvendo com carinho. No entanto, senti que havia algo errado naquele abraço. O carinho do “Bom Velhinho” estava estranho. Contudo, achei que fosse coisa da minha cabeça.

— Veio trazer meus presentes mais cedo? — eu perguntei animada quando me afastei.

Ele riu e pegou seu saco vermelho, o abrindo parcialmente, de forma que apenas ele pudesse ver o que tinha lá dentro.

— Você tem sido uma boa menina, certo? — ele perguntou, me olhando de soslaio e sobranceiras erguidas.

— Sim! Sim! — eu respondi. — Eu fui obediente aos meus pais. Não briguei com meus irmãos. Fui bem na escola. Tenho sido uma boa coleguinha.

— Que bom, minha cara menina! — ele sorriu e me encarou. — Agora, me fale o seu nome para que eu te dê o seu presente.

— Nyla — respondi, empolgada.

Mas, após ouvir meu nome, o semblante do Papai Noel mudou. Ele, antes tão contente e paternal, amoroso e carinhoso, sorridente e espontâneo, mudou. Seu sorriso

morreu, seu olhar, antes tão terno, ficou diferente, mais intenso, e ele me encarou com maior atenção. Eu desviei meu olhar dele e fitei o saco vermelho, esperando meu presente. Não percebi que ele tinha abandonado o saco de presentes até ele me agarrar com força pelos braços.

— Ai — reclamei.

— Nyla — eu o encarei e ele sorriu. Seu sorriso não era mais suave, e sim assustador.

Somente quando vi aquele sorriso comecei a sentir medo. Engoli em seco e tentei me soltar e me afastar, mas ele apertou meus braços.

— Seja uma boa menina, Nyla! — ele me encarou de novo e sorriu. — Quem diria? Ao invés de você ser a presenteada, quem ganhou o presente fui eu!

— O quê? — sussurrei.

E os olhos do Papai Noel mudaram. Agora não eram mais suaves e azuis, e sim vermelhos como sangue. Vermelhos como sua roupa e seu gorro, e como o saco de presentes. Eu estremeci ao ver aqueles olhos, e ele riu.

— Ho Ho Ho — ele me puxou para perto dele. — Você virá comigo! Está destinada a isso! Como todo sétimo filho!

— Na...na...não... — gaguejei, tentando escapar.

Ele riu mais uma vez e continuou me puxando, abrindo o saco de presentes com uma mão e me levando até ele com a outra. Ele queria me colocar no saco vermelho. Ele queria me levar embora. Quando constatei isso, comecei a chorar.

Não era o Krampus o demônio do Natal, era o Papai Noel! Era ele quem sequestrava as crianças! Por isso, era proibido tentar vê-lo, como eu fiz naquela noite.

Eu esperneeiei, ainda tentando me libertar e correr de volta às escadas, de volta ao meu quarto, de volta à minha cama. Eu queria me esconder debaixo das cobertas, fingir estar dormindo e torcer para o Papai Noel ir embora sem me levar com ele.

De alguma maneira, pelo seu olhar e sorriso, eu sabia que as intenções dele não eram nem um pouco parecidas com as punições que Krampus fazia com as crianças desobedientes, contadas nas histórias. De alguma maneira, eu sabia que ele faria tudo que pudesse para eu deixar de ser uma criança inocente. E isso me apavorou.



Quanto mais eu tentava fugir dele mais ele me apertava e com mais determinação me puxava para me colocar dentro do saco vermelho.

— Você será uma excelente ajudante! — ele ria.

Aquele era o fim! Eu seria outra criança sequestrada no fim do ano! Eu seria levada embora!

Quando o desespero se tornou maior, escutei um rosnado vindo da cozinha. Um ruído gutural, que ecoou em todo o primeiro andar da casa e estremeceu a árvore de natal. O sorriso do Papai Noel diminuiu até sumir, e seus olhos se arregalaram enquanto ele se levantava e olhava na direção do rosnado.

— O Fantasma — ele disse. — O Fantasma de Yule!

Eu me virei, as lágrimas ainda rolando pela minha face, quando escutei um som metálico se arrastando pelo chão da casa, como se estivesse arranhando a superfície. As luzes da casa piscavam desreguladas, transformando o ambiente inteiro em um cenário aterrorizante. Meus olhos se voltaram para o corredor de acesso à cozinha, e eu paralisei quando o vi.

Mesmo com as luzes piscando descontroladamente, eu podia ver com clareza a criatura vindo da cozinha para a sala.

Ele era mais alto que o Papai Noel, e seus olhos brilhavam em um tom alaranjado, parecendo iluminar tudo ao redor. O corpo dele era recoberto por pelos amarronzados, suas pernas eram como de carneiros, os pés iguais aos dos porcos. Possuía enormes chifres similares aos dos alces. Um sobretudo escuro e vermelho cobria boa parte de seu corpo, e inúmeras correntes estavam entrelaçadas em sua volta, arrastadas pelo chão enquanto ele caminhava lentamente até nós.

Era ele! O Krampus havia chegado!

O Papai Noel soltou meu braço e recuou alguns passos, mas eu continuava petrificada. Durante minha infância inteira eu havia aprendido que o Krampus era um demônio, que punia as crianças. Se o Papai Noel, o chamado Bom Velhinho, queria me sequestrar, o que não faria o demônio do Natal?

Krampus rosnou mais uma vez, erguendo sua mão direita e apontando sua garra na direção do Papai Noel. As luzes pararam de piscar de forma desregulada, voltando à frequência normal após o Krampus fixar a atenção em sua contraparte natalina.

— Yule... — escutei o Papai Noel dizer.

— Claus! — a voz grossa e animalesca do Krampus ressoou. — Você já causou muito mal aqui!

Após Krampus dizer essas palavras, ele se teleportou. Antes ele estava de pé, próximo à porta da cozinha e, repentinamente, apareceu ao meu lado. Eu me sobressaltei, me despertando do medo que me paralisara, e estremeci por estar tão perto do demônio do Natal. Entretanto, tudo isso mudou quando ele pôs sua mão esquerda sobre mim, a mão direita ainda apontada na direção do Papai Noel.

Krampus me puxou suavemente até ele, me abraçando com carinho enquanto rosnava para o Papai Noel, e eu me acalmei. Todo o medo que antes me desesperava, sumiu. Krampus se assegurou para eu não sentir mais medo. Ele me afastou daquele que me aterrorizava.

— Yule... — o Papai Noel recuou com as mãos erguidas, engolindo em seco. — Me escute...

— Você é culpado, Claus! — Krampus rosnou.

Com um aceno de sua mão, a lareira se acendeu mais uma vez, algo que causou um tremor no Papai Noel. E, antes que ele falasse qualquer coisa, Krampus me colocou atrás dele e avançou, agarrando o Papai Noel pelo pescoço.

Não consegui ver com clareza o que aconteceu, pois Krampus me impedia cada detalhe, porém, percebi que ele havia aberto sua boca. Papai Noel tentou gritar, mas foi impedido. Krampus estava diante de meus olhos, bloqueando minha visão, mas eu escutei um barulho de alguma coisa se quebrando. Também escutei um som de algo sendo mastigado. Somente quando Krampus recuou e voltou para o meu lado eu percebi que ele tinha devorado o Papai Noel.

Ele pegou o saco de presentes, jogado no mesmo lugar onde o Papai Noel havia deixado quando tentou me levar embora, e o atirou no fogo da lareira. O saco vermelho queimou em segundos, apagando qualquer vestígio da visita do Papai Noel à minha casa.

Então, ele se virou e me encarou. Se ajoelhou diante de mim e acariciou meu rosto com carinho paternal. Eu pisquei os olhos.

— Volte para sua cama e durma em paz, pequena — ele me disse. — Este não é o primeiro Claus que vem aqui, e não será o último. Mas vou garantir que nenhum outro te faça mal até que atinja a idade da proteção.

Ele abaixou a cabeça e arrancou uma de suas correntes, a enrolando diversas vezes até se tornar uma pulseira. Pegou meu braço com gentileza e colocou a pulseira feita de sua corrente em meu pulso, me deu um beijo na testa que me lembrou dos beijos da minha mãe.

— Agora vá! — ele exigiu. — Vá dormir!

E, bastou ele dizer isso para eu adormecer. Acordei na minha cama, a pulseira que Krampus me deu ainda enfeitando meu pulso.

Acordei de novo no meio da noite seguinte e vi outro Papai Noel na sala de estar, também sorrindo para mim ao me ver ao pé da escada. Porém, seu sorriso se tornou uma careta quando viu a pulseira que o Krampus havia me dado.

— Você é protegida por ele! — resmungou, recuando para a lareira. — É protegida pelo Fantasma de Yule!

E ele entrou na lareira e desapareceu. Olhei para a pulseira feita da corrente do Krampus e sorri. O propósito daquele objeto era me defender do Papai Noel e de suas tentativas de me sequestrar.

Desde então, nunca mais retirei aquela pulseira. E nunca me empolguei quando escutei os sinos do Papai Noel. Mas sempre sorria e me levantava da cama quando escutava as correntes do Krampus se arrastando pela casa. Pois agora eu sabia a verdade.

Krampus, o Fantasma de Yule, era o nosso verdadeiro defensor no Natal.

## Sobre a autora:

Myllene Kretli Wan Der Maas Torres nasceu em 11 de outubro de 1998, em Belo Horizonte. Desde criança, desenvolveu o hábito da leitura, inicialmente devido às revistinhas da Turma da Mônica, que sua mãe comprava. Das revistas, passou para livros infantis como "A Bela e a Fera" e "A Pequena Sereia". Com o tempo, expandiu seu repertório, começando com livros juvenis e progredindo para obras mais complexas, se apaixonando cada vez mais pelo universo dos livros. Foi esse hábito de leitura que a inspirou a escrever, culminando na sua primeira história no ano de 2020.

**Instagram:** [myllenewander](https://www.instagram.com/myllenewander)



# A magia do Natal

Por Thays Diniz

Nicolau nunca se sentiu tão velho quanto naquele momento em que se jogou em sua cadeira de balanço analisando o currículo que tinha em mãos. O ano tivera tudo para ter um Natal perfeito até a primeira greve geral dos duendes, entre reivindicações de salários, férias, décimo terceiro, aposentadoria e outras mesquinhas, a fábrica de brinquedos do Polo Norte fora interditada. Malditos bolcheviques, abriram um sindicato e não estavam mais interessados em trabalhar pela magia do Natal.

No momento, Nicolau encontrava-se na difícil situação de arrumar mão de obra barata dois meses antes do Natal, abrindo sua casa de veraneio em Governador Valadares-MG como sede do departamento de RH. O bom velhinho deixou um suspiro cansado escapar dos lábios; se arrependimento matasse, o velho teria morrido engasgado com o chocolate quente. Ele deveria ter aprofundado suas pesquisas no google? Por que não escolheu a Índia? Lá ele certamente encontraria condições empresariais mais favoráveis entre todos os países subdesenvolvidos.

O homem jogou o currículo da Cuca ao lado do Saci Pererê, era tão difícil encontrar ajudantes que não gostassem de devorar as crianças? Os dedos experientes folhearam mais um bloco de currículos, parando na foto de estranhas criaturinhas mágicas, com cabeças de cogumelo vermelho e corpos translúcidos que poderiam facilmente passar por duendes. Nicolau leu o nome do cabeçalho do currículo: Comi-quietins. Decidiu que a imagem dos pequenos seres compensava a imprecisão dos dados curriculares.

No dia agendado para as entrevistas houve a maior reunião de comi-quietins desde o desastre de Mariana. A casa de Nicolau foi invadida pelos simpáticos seres que se apossaram do Pico do Ibituruna. Representantes dessa numerosa população mágica tomaram seus lugares na aconchegante sala de estar, seguindo com olhos atentos cada pequeno gesto de Nicolau.

— Endereço? Logo ali. — Nicolau questionou a resposta no currículo, erguendo uma sobrancelha.

— Por causa de quê o Sinhô quer saber?

— Deixa de cê besta, Nita, o moço sempre será bem-vindo para tomar um cafezin.

— Non ralhou.

— Uai, é verdade, é logo ali. — Be se intrometeu na conversa. — Sinhô sabe a encruzilhada em que Pilus foi abduzido pelos homi-verdes?

Diante da negativa do homem, Nita retomou a palavra:

— Aqueles abestados depois de catarem o pobre Pilus o soltaram na cidade errada.

— Nita! Deixa de ser esse trem doido. — Pilus ralhou, encarando Nicolau em seguida. — Muito boa gente aqueles lá, se ocê quer saber, o meiô que tá tendo, muito meiô de bom que a transnorte.

— Cês tão confundindo o pobre homi, Sinhô segue a marge do rio doce toda a vida até encontra uma barriguda, veja bem, não é lá...

— Tudo bem melhor encerramos as perguntas pessoais e passarmos para as profissionais, certo?! Vocês têm experiência na função? Quais?

— Uai, claro que sim, Non faz o melhor angu com quiabo de toda região.

— Galinhada.

— Arroz com pequi.

— Pão de queijo com cafezin.

— Ok, Ok! E as crianças?

— Lambem os beiços. — Pilus afirmou orgulhoso.

Nicolau coçou a barba, incerto, não era o que ele esperava dos novos assistentes, mas não era como se o tempo estivesse a seu favor, e pelo menos não se alimentavam de crianças. Aquilo era o melhor que poderia conseguir em terras tupiniquins. Nicolau anunciou vencido pelo cansaço:

— Estão contratos como duendes honorários. Podem me chamar de Papai Noel a partir de agora.

Diante do olhar encantado dos seus novos ajudantes, Nicolau anunciou:

— Vamos ao trabalho. Produziremos os mais belos brinquedos.

— Seu Noel e o pagamento? — Nita, com uma expressão desconfiada, questionou.

— Ora, minha jovem, algo muito precioso na verdade, a magia do Natal.

Nicolau foi recompensado com o sorriso triunfante que enfeitou o rosto do comi-quietin. Após uma palestra de Non sobre os perigos do diabetes, o cheiro de chocolate quente foi substituído pelo de café fresco, os doces e biscoito deram lugar a uma variedade de queijos artesanais.

Pilus revolucionou os meios de produção empregando as técnicas que aprendeu com os aliens durante a sua abdução a qual lhe rendeu um passeio de Governador Valadares a Montes Claros.

A fábrica de brinquedos improvisada trabalhava a todo vapor, os comi-quietins eram eficientes e criativos, e, apesar de um pouco desconfiados, eram extremamente acolhedores, deixando Nicolau satisfeito com os resultados. Na noite de Natal, influenciado pelo clima de fraternidade, amor e paz, Nicolau apresentou Be com um livro antes de partir para distribuir os presentes pelo mundo.

Sentados espremidos no chão ao lado da árvore-de-Natal, ouvidos atentos escutavam a narrativa de Be sobre a mágica noite de Natal:

— Os pequenos flocos de neve deslizam no ar, tingindo a paisagem de branco, um convite silencioso para familiares amorosos se abrigarem no aconchego das suas casas, ascenderem suas lareiras, reunirem-se em volta de uma mesa farta e trocarem presentes enquanto conversam sobre as venturas do cotidiano.

Suspiros esperançosos substituíram os ruídos do maquinário da pequena fábrica, aproveitando o momento de fragilidade dos seus companheiros, Nita deu início ao seu discurso:

— Uai, sô, magia foi que Seu Noel prometeu, magia para transformar todas as noites em Natal, nada comparado com aquele trem de pó de fada. Vamos pegá-la.

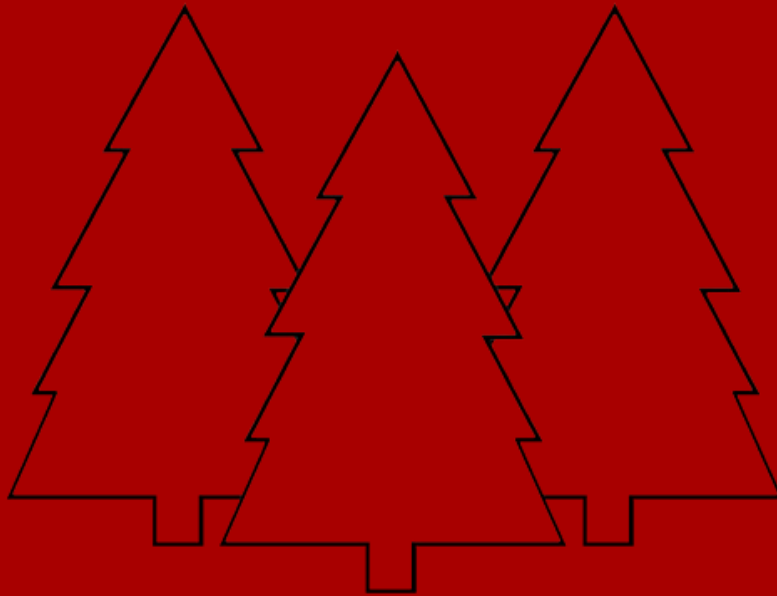
Observadores como eram, os comi-quietins não tiveram problemas para desvendar os segredos do velho e, segurando a pequena caixa de madeira que continha a promessa dos seus sonhos, saíram para noite estrelada no Pico do Ibituruna, tendo uma bela vista da cidade lá embaixo. Be, com olhos sonhadores, abriu a caixa, deixando as pequenas luzes coloridas escaparem em direção ao céu. As luzes explodiram em pó brilhante sobre as suas cabeças e os comi-quietins prenderam a respiração em expectativas e, após alguns segundos tortuosos, sentiram os efeitos da magia.

Nita observou com um sorriso maléfico as pedras de gelo do tamanho de um punho destruírem os telhados das casas, as pessoas lá embaixo parecendo formigas desesperadas correndo de lado para outro, o rio doce transbordando e em minutos alagando metade da cidade. Criaturas sonhadoras, como Be, a acusariam de vingativa e os amorosos, como Non, apontariam a perda dos inocentes. A verdade crua era que a inocência Nita havia sido tirada dela, com a sua família e lar, no desastre de Mariana. O modo de vida dos humanos o levou àquele fatídico dia, não existia acidente ou inocentes, apenas culpados e o clamor por justiça. Depois de muitos anos de espera, Nita obteve a sua mágica noite de Natal.

## Sobre a autora:

Thays Diniz, natural de Minas Gerais, é uma escritora amadora que dedica esforço ao seu hobby. Seu talento e dedicação foram reconhecidos ao conquistar a medalha de prata no concurso de escrita "Mitologia Grega" no renomado site Inkspired, com o conto "O mal do século XXI". Também é uma atenciosa ouvinte de causos e apreciadora de boas prosas. Seu lar são ficções voltadas a tragédia e o dramático.

**Inkspired:** [riadalap](#)





# Diabretes de Natal

Por Mariana Santos

Jaime rodopiou no ar repetidas vezes até cair aos pés da árvore de natal. A calça verde com listras vermelhas tinha um chamuscado gigante na região da bunda, e vinha até a parte frontal da coxa. Felizmente, saíra de seu iglu com sua cueca short novinha.

Levantou agarrando o braço da poltrona vermelha, duas vezes maior que ele. Não que Jaime fosse baixo – Papai Noel era um sujeito grande, de altura e envergadura, tornando todos os móveis muito maiores para melhor acomodá-lo.

Falando no bom velhinho, ele não aparecia por lá desde o final de novembro. Talvez estivesse ocupado demais. Ou talvez estivesse presentindo a mega bagunça que sua oficina se tornaria ao virar do mês.

Para começo de conversa, eles tinham uma nova leva de contratados: Ainda-menores-aprendizes. A oficina do Papai Noel seria a primeira experiência trabalhista daquelas criaturas místicas que, por terem menos de duzentos anos, ainda não haviam alcançado a maioridade.

Jaime era responsável pelos intercambistas vindos das areias do sul. O grupo era composto por uns vinte serezinhos que não eram necessariamente duendes. Segundo a Mamãe Noel, era bom as diferentes raças conviverem. Muitos duendes, ao saírem da oficina, se sentiam totalmente deslocados no mundo mágico. Por isso, para este ano, eles tinham mão de obra composta por duendes, anões, fadas e diabretes; sendo estes últimos boa parte dos intercambistas do qual Jaime era responsável.

Os pequenos seres tinham a pele avermelhada e chifres de bronze, normalmente escondidos pelo gorro do uniforme. Gostavam de conversar durante a jornada de trabalho e faziam piada de absolutamente tudo. No primeiro dia, Jaime adorou o fato de não precisar bancar o conselheiro para quebrar o gelo com eles; o grupo já se conhecia da Escola para Maus Diabos e Diabinhos.

Ao fim da primeira semana, ele estava querendo a aposentadoria.

Não que os diabretes fossem más criaturas. Bem, na verdade eles eram sim. Porém, não era esse o incômodo Jaime, ele lidava todos os anos com Rudolph e todo seu mau-

caratismo e estrelismo e nunca morrerá por isso. Não, o que estava realmente o tirando do sério era a linha de produção dos intercambistas. Mamãe Noel teve a visionária ideia de deixar que os Ainda-menores-aprendizes, na imaturidade dos seus setenta e cinco anos, fizessem sua própria linha de brinquedos.

— Deixe-os dar um toque de originalidade aos brinquedos desse ano — disse ela, seu sorriso deixando em evidência as rugas ao redor dos olhos. E ninguém é capaz de dizer à uma velhinha fofa que ela está louca.

E assim foi feito.

As fadas logo tomaram posse das cartinhas, solicitando roupas e joias (geralmente pedidas por meninas no fim da infância e alguns garotos vaidosos) e deram seu toque mágico especial, fazendo todas as peças se ajustarem perfeitamente ao corpo de seus donos e os vestidos brilharem independente da luz. As joias vinham diretamente da caverna dos quarenta ladrões, produzidas pelo gênio que nunca saía da lâmpada.

Aos anões, ficou a produção de tudo que envolvesse madeira e metais. Fizeram um excelente trabalho de carpintaria, esculpindo carrinhos, quebra-nozes e espadas de madeira. Com os metais, fizeram dignas armaduras e elmos para os filhos de soldados que ansiavam para, no futuro, servir a realeza. Também fizeram ornamentos maravilhosos, coroas e uma ou outra faca de metal – para os filhos de pecuaristas que ajudavam no corte de carne, é claro.

Os duendes este ano ficaram com toda e qualquer peça que demandasse costura e pintura artesanal. Costuraram com maestria muitas bolas de futebol feitas de couro, coloriram dezenas de telas com as mais variadas paisagens; desde o nascer do sol visto do Himalaia à uma tela com todas as estrelas do universo – devido ao parco conhecimento humano, foi necessário que se ocultasse muitas das estrelas e planetas que estão por aqui.

E, por último, os diabretes ficaram responsáveis pela fabricação e montagem das bonecas e bonecos. Jaime era responsável por checar se todos os braços estavam no lugar certo, se cada boneca tinha a quantidade correta de pernas e se todos eles tinham cabelo. O problema era que os *queridos* diabretes fizeram bonecas semelhantes a eles mesmos, com chifres, cascos e tudo. Em vez de pele humana, as bonecas estavam vermelhas como pimenta.

Obviamente o produto final se mostrou bizarro demais para ser entregue às crianças; até mesmo o mais encapetado dos moleques teria, no mínimo, um arrepio ao encarar os olhos negros de íris amarela que pareciam piscar e, segundo um dos diabretes, tinha a capacidade de brilhar no escuro.

Papai Noel não podia apresentar algo assim para seus tão queridos afilhados.

Foi isso que Jaime tentou explicar, antes de ser levado como preconceituoso. Os diabretes não estavam felizes com a ideia de refazer tudo do início, ainda mais pelo fato de que o natal estava a quatro dias de chegar.

Rapidamente a oficina se dividiu.

Havia aqueles que gostaram do novo estilo dos bonecos e aprovaram a ideia de distribuir para as crianças do mundo algo diferente. Esse grupo era majoritariamente formado pelos diabretes, Mamãe Noel e seu apoio cego à novidade, e um anão que claramente não queria estar trabalhando ali.

Em contrapartida, as fadas se uniram aos duendes. Eram completamente contra aqueles brinquedos horrendos ao lado das obras que caprichosamente fizeram. Os anões pouco falaram, afinal tinham muito mais o que fazer. E aquele que deveria dar o veredito final, não se encontrava presente. Papai Noel, assim como grande parte dos pais, sumia quando pressentia um problema, deixando tudo nas mãos de sua mulher.

Na opinião da Mamãe Noel, os bonecos eram encantadoramente exóticos, uma ótima surpresa de natal. Para os duendes, em especial Jaime, a velha tinha perdido alguns parafusos com o passar dos anos.

Jaime tentou todas as abordagens que conhecia para convencer Mamãe Noel a deixar aquela ideia biruta de lado; se comesçassem o trabalho naquele instante, talvez desse tempo de refazer tudo como deveria ser. Conversou, reclamou, até mesmo juntou todos os duendes, os colocando em prontidão para ajudar, mas nada adiantou. Para ela, seriam aqueles bonecos e pronto, acabou.

Insatisfeito com toda aquela situação, um duende (e Jaime tinha certeza que havia sido um, pois as fadas eram educadas demais para isso) pegou um belo exemplar de diabrete de pelúcia e arremessou-o ao fogo.

Podia-se ouvir o som das máquinas de costura automáticas ao fundo e o barulho das marteladas dos anões nas forjas, mas sequer um afago naquela sala.

Os diabretes, inconformados, pegaram as primeiras coisas que encontraram em seu caminho e também jogaram na lareira, não importava se eram brinquedos ou não. Jaime viu bolas de futebol torrando, junto de cavalinhos de pau, petecas e mais bonecos bizarros.

A oficina tinha se transformado em um caos em questão de segundos. Ajudantes jogando todo o trabalho de um ano no ralo... Ele, inclusive, fora arremessado para perto da lareira. Ele não sabia se a queimação que sentia era de raiva ou grande tristeza. Ou os dois ao mesmo tempo.

No fim das contas, não era nenhum e nem outro. *Ele* estava em chamas.

Deu um grito e disparou por toda oficina, com as mãos na parte traseira da calça, que se desfez. Por fim, bateu na árvore de natal e quicou no chão, caindo estatelado lá mesmo. Felizmente sua pele não estava machucada, entretanto, a calça tinha um furo gigantesco na parte de trás.

A oficina era um caos de reclamações, gritos e coisas se espatifando na lareira; de modo que o duende se assustou quando, pela segunda vez naquela noite, a oficina subitamente ficara silenciosa.

Sentou-se e procurou com o olhar o que tinha acontecido.

Os ajudantes tinham aberto um círculo, onde no centro dele, Mamãe Noel estava sentada, com o coque desfeito, completamente descabelada. Ele notou que ela não tinha mais os óculos meia lua pendurado no nariz.

Jaime olhou chocado para Mamãe Noel, que mantinha seu enigmático sorriso, sem mostrar os dentes, fazendo-a quase fechar os olhos. A senhora caminhou calmamente entre os grupos, que abriram caminho para ela, até chegar em frente às labaredas.

Absolutamente tudo da família Noel tinha mágica, não é à toa que sua história continua sendo contada século após século. O duende não se espantou quando a senhora pôs as mãos diretamente no fogo e recolocou seus óculos, sem esboçar emoção nenhuma além do sorriso gentil. Em sua outra mão, havia o que sobrara de algum brinquedo. Tinha se tornado um carvãozinho de nada. E pensar que tiveram tanto trabalho para fazer aquele carvão...

— Bom — disse Mamãe Noel —, isso é ainda mais difícil de entregar às crianças que os bonecos, mas acho que vão gostar...

Ela riu baixinho, como fazem todos os velhinhos, e saiu vagarosamente em direção à porta da oficina.

— Mamãe Noel — Jaime correu para acompanhar o passo dela. — Não podemos fazer a entrega, está muito feio! Nem tenho coragem de embrulhar um daqueles.

— É mesmo, nem precisa embrulhar! – Exclamou com os olhos arregalados. A feição pacífica deixou seu semblante e ela encarou Jaime com seriedade. — Também não podemos deixar as crianças sem coisa alguma, não é?

— E o que devemos fazer?

E neste momento, Jaime aprendeu uma lição muito importante sobre chefes e responsabilidade. A senhora olhou-o com muita atenção, abriu a boca e disse:

— Sei lá, mas tenho certeza que você pensará em alguma coisa antes do dia da entrega.

E fingindo-se de surda, deixou a oficina sem ouvir mais nenhum apelo de Jaime.

Agora ele tinha quatro dias, muito menos brinquedos, a calça furada e nenhum milagre na manga.

[...]

Papai Noel, como a maioria dos pais, gostava de demonstrações de carinho e de biscoitos. Por isso, estava estranhando muito suas queridas crianças estarem deixando menos guloseimas à beira da janela. Afinal, a viagem do Polo Norte para o resto do planeta era um bocado longa para um senhor. No entanto, essa não era a única coisa diferente. Ao ler as cartas, percebeu que, naquele ano, as crianças tinham certo desespero em frisar como foram boas o ano todo, que haviam se comportado e por isso mereciam um presente naquele Natal.

No entanto, ele nunca deixara de entregar presente em ano nenhum, nem mesmo naqueles anos difíceis da guerra. Desconfiou que talvez tivesse o dedo de Mamãe Noel e

suas ideias experimentais. Ela tinha comentado algo sobre presentear algumas crianças com carvão.

No ponto de vista dele, as crianças brasileiras e japonesas deviam ter ficado bem felizes naquele ano, pois amam um churrasco.

Apenas para tirar o desincargo da consciência, ele abriu um dos pacotes de carvão. Diferente dos outros, eram feitos de papel pardo em vez de papel de presentes, e ainda mais diferente era o fato de estarem com um pequeno aviso em cartão dourado.

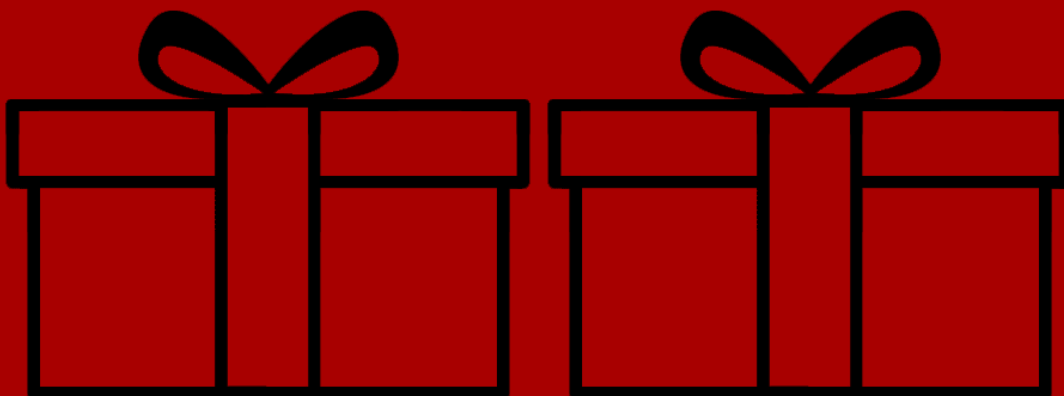
“Comporte-se bem e terá seu presente no ano que vem!”

Ele achou um tanto cruel quebrar as expectativas de uma criança com um pedaço de carvão ao invés de um boneco do Max Steel. Porém, assim como a maioria dos pais, ele nunca contestaria as ideias de uma mãe que só queria o melhor para os filhos, muito menos comprar uma briga com sua esposa por isso...

## Sobre a autora:

Mariana Santos, natural do interior paulista, é uma estudante que encontra alegria tanto em suas viagens reais como nas aventuras que descobre nos livros. Estuda biblioteconomia e pedagogia ao mesmo tempo. A sua alegria, no entanto, reside no momento em que as pessoas adentram os mundos que ela cria através de suas palavras escritas.

**Instagram:** [antnimos](#)



# Coincidência ou maldição?

Por Ellen Fernandes

Quando Antônio a avistou, caída no quintal de sua casa, parecia um lençol amontoado, mas era uma garota pequena, desmaiada sob o sol escaldante da manhã de Natal. O corpo parecia tão gelado, e ela era tão branca que se assemelhava a um pequeno bloco de gelo ao sol.

Antônio logo pegou o corpo, sentindo os batimentos fracos, e o levou para dentro de casa em busca do celular para chamar o SAMU, afinal, a quantidade de insolação naquelas ondas de calor já tinha vitimado duas idosas no bairro.

E, olhando bem, não é que aquela menina pálida parecia dona Zefinha, uma das pobres vítimas daquela calamidade? Será que seria uma parente dela? Talvez fosse, e por isso estava tão afetada com os 37°C que fazia às sete da manhã. Ligou o ventilador e subiu as escadas em busca do celular.

Logo desceu as escadas, e qual não foi a sua surpresa: a garota pálida estava a cambaleiar degraus acima.

— Meu Deus, por que se levantou? — perguntou, enquanto discava, apressado, o número do SAMU.

A atendente mal começou a falar o protocolo padrão e ele rapidamente ditou o endereço, e não conseguiu falar nada além. Um simples toque na pele pálida da menina o levou ao chão e celular escorregou escada abaixo. Gritou implorando por socorro, enquanto sentia o pulmão se comprimir, uma dor que logo se esvaiu com sua vida.

A atendente do outro lado da linha, implorando por uma resposta, acionou a polícia, enquanto um menino negrinho sorria, observando atentamente se sua terceira vítima realmente deixaria este plano. Aquela criança, com um sorriso um tanto sádico, andou calmamente até o quintal, e, como se o muro fosse nada além que uma gelatina macia, o atravessou. Quando a polícia chegou, Antônio estava morto. Apesar da tentativa de reanimá-lo, não houve como trazê-lo de volta. A perícia chegou e logo afirmou não haver indícios de crime e sim de um mal súbito.

A família de Antônio, que planejou feliz um almoço de natal com comidas frescas e muita bebida gelada, se viu passando por esta data amontoada em um IML.

Não demorou muito para o corpo ser liberado, não havia sinais de violência e nem de defesa, somente marcas da queda e uma hemorragia petequial que o médico classificou como parada cardiorrespiratória.

O laudo saiu muitos dias depois, mas confirmou a perícia preliminar. Só havia em Antônio indícios de desidratação, hemorragia pulmonar e parada cardíaca. A família, triste, culpou o aquecimento global, contudo, logo se conformou com a partida precoce de Antônio, afinal fatalidades aconteciam.

Porém, havia a netinha de dona Zefinha. Isabella, com seus 16 anos e enterrada em livros de aventura e mistério, tinha visto uma cópia exata de sua vizinha adolescente entrar no quintal de Antônio. E jurava com a certeza que as fotos tiradas não deixavam delirar que vira uma pessoa idêntica à dona Manoela da padaria visitando a casa de sua avó.

E o que todas essas pessoas tinham em comum? Haviã morrido de insolação. Repentinamente essas pessoas caíram sem vida, com hemorragia pulmonar logo após uma visita estranha. Não poderia ser uma coincidência, e o que seria? Uma maldição de Natal? Um elfo desgostoso do Noel, um alienígena perdido, um morto vivo? E onde tinha ido aquela criança, parecida com um seu Antônio gordinho, que desaparecera bem diante de seus olhos através do muro?

Passaram-se duas semanas até Isabella se deparar com outro caso parecido; um senhor de sessenta e três anos fora encontrado sem vida em um parque não muito longe dali.

Vestiu-se apressada e correu ao pequeno parque mal cuidado com trilhas cheias de árvores caídas e pedras escorregadias. Que diabos um idoso tinha ido fazer ali, num lugar tão propício para uma queda e uma morte horrenda em um dia tão quente como fora o anterior?

Viu os restos da investigação e andou calmamente por aquele lugar um tanto mórbido. Avistou por fim um homem jovem encarando-a. E ali estava seu Romildo Passos, bem mais jovem, se aproximando dela com olhos um tanto quanto sádicos, e um sorriso descolado da realidade.



Qualquer outra pessoa teria corrido, porém Bella não era dessas, ela sonhava com uma aventura daquelas a contar para o resto da vida. Mesmo que seus lábios fossem silenciados pela morte iminente, ela preferia assim.

Realmente viver nem fora uma escolha sua, desviver de modo épico seria algo a se pensar.

As mãos geladas, na manhã quente, tocaram a pele afogueada e suada pelo calor de Isabella.

— Assim se não for muito incômodo pode me dizer quem você é? Morrer sem essa informação *chatão* sabe.

— E quem disse que vais morrer? — a voz alterava a altura das palavras como se não estivesse acostumada a falar. — Se bem que curiosidade demais realmente traz um triste fim.

— Eu queria saber, cê é tipo uma maldição de Natal? — Isabella sempre foi das que precisavam saber. — Se não for incomodar, é claro.

— E se eu for a morte, cara Isabella?

Os olhos arregalados da jovem não exprimiram medo, mas uma curiosidade excitante e encantadora, um vislumbrar de felicidade que ela jamais tinha experimentado.

— Duvido. Eu entenderia se fosse em outra época, se as pessoas não tivessem insolação e se a temperatura não tivesse aumentado uma quantidade absurda de graus desde que se aproximou... eita divaguei, foi mal aí...

— Ai, Isabella, tão interessada e interessante... — A criatura parecia encolher conforme falava com a jovem.

— Ei, ei, você está sumindo, é por isso que mata as pessoas. Vai me matar? ande logo?

— Falarei de ti, menina Isabella, mas, se eu fosse tu, de mim fingirias esquecimento — diante dela, um amontoado branco bem pequeno atravessou uma árvore maciça e desapareceu.

Levou quase uma semana para Isabella acordar. Insolação severa. Para sua sorte a polícia voltou ao local em busca do cachorro de seu Romildo e encontrou a jovem desacordada, sendo vigiada pelo pequeno Pinscher do idoso.

Ao ser questionada pela polícia sobre o que fazia por lá, Bella contou a verdade, ou quase. Disse que passou a alucinar como se houvesse alguma substância e que ela sentira algo igualzinho quando sua vizinha partiu.

Foi encontrado em partes do corpo dela uma substância desconhecida, também encontrada em Romildo Passos, que ainda não havia passado pela perícia completa. Entretanto, a polícia não divulgou o fato, afinal, passar quatro mortes naturais para provavelmente homicídio, sem pista alguma, era trabalho que os investigadores não estavam dispostos a fazer.

Isabella se fez de sonsa e, após semanas no hospital, pôs a culpa na saudade de sua vizinha, e a família a internou em um SPA no interior, para se recuperar, diga-se, agarrada ao Pinscher. A família do idoso que não suportava o cachorro se viu aliviada com o fato.

Isabella só pensava ‘quem dera eu pudesse mandar todos aos braços da morte’. Talvez ela devesse mesmo ter levado sua psicóloga a sério, o abismo realmente olhava de volta.

Pares pequenos de olhos seguiam a menina.

— Eu não disse, acho que pode ser ela... ruinzinha de tudo... curiosa e aventureira, acho que pode ser ela!

— Percebi. Será que ela pode começar antes mesmo de morrer?

— No natal do ano que vem saberemos — uma voz esganiçada afirmou.

— Até o próximo Natal, da adorável ebulição global.

Era dezembro de 2023, o ano mais quente da história, Isabella estava gelada, enquanto seus olhos arregalados e o sorriso retorcido completavam o quadro da casa repleta de corpos. Definitivamente era ela.

Mas o que era Isabella?

Alguma maldição?

Quem sabe você descubra no próximo Natal.

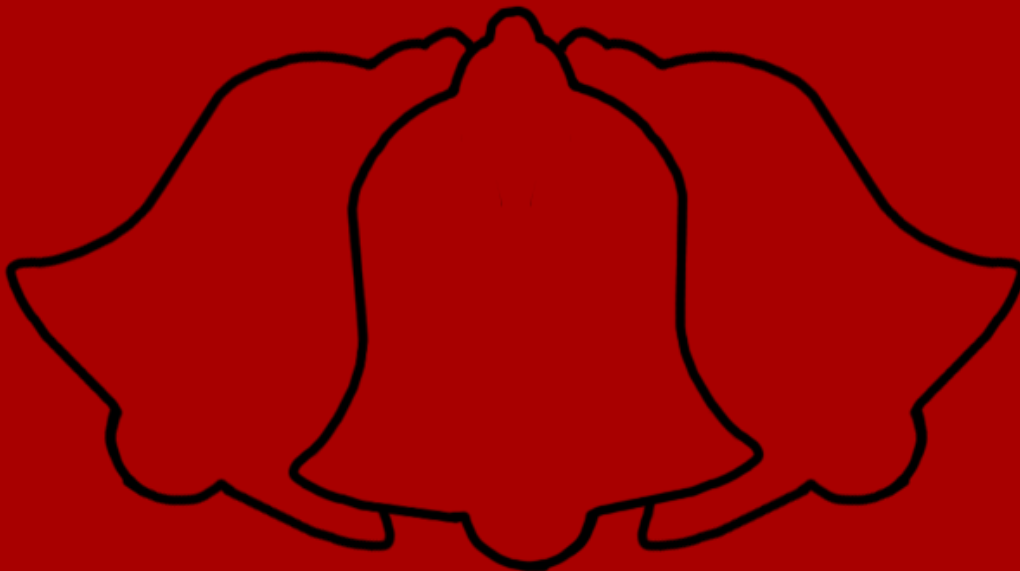
Ou seja a próxima vítima da misteriosa insolação.

## Sobre a autora:

Ellen Fernandes é uma cearense pra lá de arretada, que acabou se aventurando em terras paulistas. Empreendedora no mundo das plantas ornamentas, é MEI no comércio varejista desse ramo. Desde seus tenros dez anos de idade – e acredite, isso foi há muito tempo, mais do que ela gostaria de admitir - Ellen descobriu sua paixão pela escrita. Tem uma queda especial pela magia da escrita em poucas linhas.

**Instagram:** [ellennfer8](#)

**Inkspired:** [anjosnegros](#)



# Tudo termina em 24 de dezembro

Por Manu Silva

E como num ato de tamanha melancolia, eu observo o tempo passar. Observo os mofos se erguerem em minhas velhas paredes, os insetos que caminharem num vasto e eterno looping através das leis da natureza, o velho telhado começando a ceder após anos sem manutenção, e o velho piso agora rangendo toda vez que alguém toca neles.

Oh, meu caro leitor, sente-se e aproveite esse relato, é uma linda história de Natal. Só por favor, não se assuste: eu estou morta há muito tempo, muito tempo mesmo, um ciclo eterno observando histórias e me entristecendo quando as pessoas deixam a casa sem que eu possa saber o final. Então, fique à vontade, acredito que ainda tem café nas prateleiras, caso deseje uma xícara. Se quiser pode até mesmo acender a lareira. Só por favor, não repare na bagunça, ninguém mora aqui há muito tempo e fantasmas não podem limpar o chão.

Ao todo, vi dezoito famílias viverem aqui, e nenhuma delas soube de minha história. A primeira família simplesmente jogou minhas coisas no porão, como se eu não fosse nada... mas, eu sou alguma coisa, certo? Não é porque minha vida chegou ao fim que deixei de ser alguma coisa. Talvez, na opinião da segunda família, eu não seja nada, pois queimaram minhas fotos e minhas roupas, e a filha do casal pegou para si a minha boneca.

Poderia lhe contar diversas histórias, com inúmeros finais felizes. Porém, pela primeira vez, decidi falar sobre mim, para ver se assim volto a ser alguma coisa. No fundo, todos nós queremos ser lembrados, e talvez alguém para lembrar de mim seja o que falta para eu poder encontrar, do outro lado, aqueles que amei.

Segure minha mão e vamos voltar a 1930, nesta pequena cabana localizada no interior do Rio Grande do Sul – vocês ainda chamam esse lugar assim hoje em dia? – onde a chuva caía intensamente naquela noite de 24 de dezembro. Data engraçada para se nascer, não é? Minha mãe amava contar que deu à luz próximo ao horário da missa do galo, como se isso realmente significasse que eu estaria destinada a grandes coisas.

Meu pai se foi logo após minha mãe ficar grávida pela primeira vez. As guerras do sul desse meu país de águas poluídas ceifaram sua vida cedo demais, sem dar tempo para ele ver meus olhos pela primeira vez, que todos diziam ser iguais aos dele. Não teve tempo

de me ensinar como o mundo funcionava, de me instruir nas artes do plantio ou a preparar uma cuia de chimarrão, e mamãe estava sempre ocupada para fazer isso.

Não lembro que cor meus olhos tinham quando eu estava viva, e não tenho um reflexo para me olhar. Mas me lembro de ter cinco anos e ver pela primeira vez minha mãe montar a velha árvore de Natal. Ela me segurou no colo, seu sorriso encantador enfeitiçando-me mais do que qualquer coisa, enquanto ela me erguia para que eu pudesse colocar a estrela na ponta da árvore.

— Lembre-se, minha querida — ela sussurrou em meu ouvido, naquela noite estrelada — enquanto puder colocar essa estrela no topo dessa árvore, tudo estará bem.

— E quando eu não conseguir mais? — perguntei, com o doce desespero de uma criança pequena, para quem pequenas coisas pareciam o fim do mundo.

— Então você vai ter que conseguir outra árvore — ela respondeu, ainda com o sorriso mais bonito que eu já tinha visto, enquanto pegava minha mão pequena na dela — e também, enquanto seu dedo mindinho continuar mexendo, sempre vai ter um lar para onde voltar.

Uma das partes ruins de ser um fantasma há tanto tempo, é esquecer das pequenas coisas. Posso lembrar claramente que minha mãe cheirava a uma árvore de cerejeira prestes a dar frutos, mas não me recordo qual dos dedos é o dedo mindinho. Depois de um acidente, perdi a mobilidade de praticamente todos os dedos, e aparentemente esse problema me perseguiu para o sofrimento eterno.

Voltando ao doce Natal, minha mãe costumava assar biscoitos. Não tínhamos muito, dinheiro era sempre contado, mas ela sempre tinha uma carta na manga para conseguir fazer a velha receita de biscoitos de canela em formato de pequenas árvores de natal. Faz quase cem anos que não posso comer os biscoitos dela, mas guardei essa memória comigo para sempre, assim como o fato de encontrar presentes debaixo da árvore todas as manhãs do dia 25 de dezembro.

Aos doze anos, larguei a escola. Não me julgue, minha mãe precisava de ajuda nas plantações. Nos frios do inverno, eu estava lá, debruçada sobre uma pequena planta que precisava crescer para termos dinheiro no final do mês. Em minha inocência, enquanto regava as flores do jardim, me permitia imaginar um futuro longe dessa cabana, na cidade

grande, casada e feliz. Aos catorze anos, meu sonho de casamento terminou, ironicamente, num Natal.

— A Júlia é muito bonita — comentei, enquanto ajudava a decorar os biscoitos com glacê — quando eu crescer, vou pedi-la em casamento.

— Não pode se casar com meninas! — minha mãe respondeu, com um grito estridente carregado de veneno, trazendo lágrimas aos meus olhos. — Você vai para o inferno se fizer isso!

Como eu poderia ir pro inferno? Me questionei, naquela época. Eu era uma boa menina, fazia tudo direitinho, quem decidisse nossa vida após a morte não iria me condenar apenas por amar alguém, certo?

Júlia... minha doce Júlia... a primeira e única garota que amei em toda minha vida. Ela era como um sol iluminando meus dias, desde que nos conhecemos na época da escolinha. Ela morava numa casa próxima à minha, tinha cabelos cacheados e olhos cor de mel, e isso me deixava encantada. O amor jovem é algo tão belo, e ao mesmo tempo tão perigoso, ao ponto de fazer crianças acreditarem que iriam morrer por conta de uma rejeição.

Fiquei sozinha aos vinte anos de idade. Sem nenhuma formação escolar, me dediquei para sempre aos trabalhos no campo, fazendo tudo sozinha por conta da doença que agora assolava o corpo de minha mãe. Em seu último Natal, lembro de preparar os biscoitos para ela e arrumar a árvore do jeito que ela gostava, e nos sentamos juntas no sofá da sala, relembrando velhas histórias e rindo como se não houvesse amanhã.

— Vou te dar meu presente agora, querida — ela disse, enfim, tirando do bolso uma pequena caixinha com a mais bela das alianças ali guardada. — Seu pai me deu isso há muito tempo, e você vai dar para uma pessoa especial para você.

Pode ser para a Júlia.

— Mas a senhora falou que eu iria para o inferno — lembrei-a, sem nenhum pingo de veneno em minha voz.

— Quando a morte bate na porta e você percebe que se privou de tudo com medo do desconhecido, é como se uma grande mão apertasse seu coração. Não quero que sinta o que estou sentindo agora, minha filha, então viva uma vida da qual poderá ter orgulho.

Na manhã seguinte, ela não acordou mais. Apesar da profunda tristeza abalando meu peito, eu sabia que agora ela finalmente estava em paz ao lado do homem que amava, e que era apenas uma questão de tempo até eu me juntar a eles novamente. Da porta da igreja onde foi realizada a missa de sétimo dia, era possível observar as montanhas, e um sentimento inexplicável tomou conta do meu peito, como se eu estivesse voltando à infância e fosse apenas uma garotinha assustada querendo a mãe de volta. Talvez eu seja isso até hoje. Ora, você não está entediado, está? Se veio aqui pelo romance de Natal, aproveite, finalmente chegamos nele.

Nos natais seguintes, me tornei muito mais próxima de Júlia. A solidão a envolveu como um horrível destino quando seus pais também a deixaram alguns anos depois, numa noite chuvosa de dezembro. Pela primeira vez em quase dez anos, eu não estava mais sozinha, a estrela na árvore finalmente indicando que tudo ficaria bem.

— Gostaria de poder ir na missa de mãos dadas com você — Júlia me confidenciou, sua voz tão doce quanto a de um anjo que se perdera na terra, suas mãos delicadas e habilidosas trançando meu cabelo num penteado lindo e elaborado.

— Faz muitos anos que não vou à missa — confessei, enquanto me virava para trás e segurava seu rosto com toda a delicadeza possível, como se ela fosse de vidro e pudesse quebrar. — Todos dizem que é errado, mas... eu te amo há mais de uma década, minha doce Júlia.

Naquela noite, meus lábios tocaram os dela, e esse foi o melhor presente de Natal que já pude receber. Era como estar no céu, a delicadeza presente naquele beijo lavando todos os pecados de minha alma impura, uma cura celeste para a doença que todos me acusavam de possuir.

Num ato de coragem e rebeldia contra a sociedade, fomos de mãos dadas até a igreja, mas nunca cheguei a pisar lá dentro. Enquanto subia a longa escada, atrevi-me a roubar outro beijo discreto de Júlia, apesar de um senhor de espírito cruel, após testemunhar a cena, ter nos empurrado escada abaixo. Eu me lembro do sangue escorrendo de meu rosto, lembro-me da multidão chocada, e lembro de, ao chegarmos em casa, Júlia pegar o casaco e dizer:

— Não sei o que deu em mim hoje. Por favor, não me procure mais.

Naquele ano, a cada domingo que passava, eu ficava mais triste. Me jogava no chão de casa, vivendo na glória da bebida e do cigarro, querendo experimentar o doce consolo da morte, entretanto, naquela época meu dedo mindinho ainda levantava. E então era Natal, inverno de novo, e Natal novamente. E esse ciclo se repetiu por longos e solitários seis anos até uma criança vir me procurar, dizendo que Júlia estava me chamando. Naqueles últimos tempos, ela havia se casado com um oficial do exército, tinha uma criança feliz, e eu era a única lembrada na cidade por conta do escândalo do beijo na escada da igreja.

Ao chegar na casa, descobri que Júlia tinha dado à luz ao seu segundo bebê, e agora se encontrava nos braços da morte, sangrando tanto que parecia um mar vermelho nos lençóis. Me ajoelhei ao lado da cama e segurei sua mão, vendo o quanto ela parecia pequena e frágil.

— Mandou me chamar, minha doce Júlia? — perguntei, com a voz suave. Não existe rancor na hora da morte, nesse momento todas as mágoas devem ser deixadas de lado, pois é a vez que em que uma conversa irá ocorrer.

— O meu corpo já nem dói mais, devo morrer em breve — ela sussurrou, sua vida se esvaindo aos pouquinhos —, mas eu precisava te confessar algo antes de ir. Eu me arrependo tanto, me arrependo de ter sido tão covarde e não ter me casado com você. Fui tão infeliz durante toda minha vida, me privei do amor por medo do que os outros iriam pensar. Por favor, me perdoe. Devia ter te beijado mesmo se isso custasse a minha vida, deveria ter te abraçado e decorado a árvore de Natal com você... me perdoe por ter nos condenado a essa vida de sofrimento...

— É claro que eu perdoo você — respondi, com minhas próprias lágrimas escorrendo livremente, enquanto me sentava na cama e a segurava em meus braços, sentindo-a tão gelada quanto a neve.

— Por favor, se renascermos algum dia, me prometa que fará de mim sua esposa!

— Júlia pediu, agarrando-se a mim.

— Eu prometo — respondi, beijando o topo da cabeça dela, sentindo seus cabelos suados contra meus lábios ressecados. Maldita promessa que, ao que tudo, indica jamais poderei cumprir.



— Enquanto isso, serei tua esposa no céu. — Essa promessa era tudo que eu precisava para poder partir em paz... e então, nossos lábios se selaram uma última vez, e novamente eu tinha um corpo em meus braços na noite de Natal.

Quando cheguei em casa, chorei até cair no chão. Chorei por dias e dias, minha tristeza sendo como um enorme buraco em todo o corpo, uma dor absurda impossível de ser controlada. E eu não podia recorrer a ninguém, pois nenhum deles iria me acolher. Estava sozinha e desamparada como uma lagarta ao entrar no casulo. A diferença é que eu jamais me tornaria uma borboleta.

Como todas as desgraças ocorridas em minha vida, a morte chegou para me buscar no dia 24 de dezembro, véspera de Natal. Nunca mais coloquei a estrela na árvore, pois sabia que as coisas não iriam mais ficar bem, então apenas continuei em minha vida solitária, sabendo que meu grande amor me esperava em outra parte da realidade. Eu era covarde, e essa covardia me levou a jamais sair da pequena cidadezinha, e não cumprir o desejo de minha mãe. Eu não tenho nenhum pingô de orgulho na minha vida.

Saí para pregar a cerca no final da tarde. Nem percebi quando o martelo acertou em meus dedos, a dor sendo insuportável. Não conseguia mais levantar os dedos, então apenas caminhei para dentro de casa e... eu vi a árvore lá, jogava num cantinho... e me deitei ao lado dela.... Foi tão estranho... não me lembro de morrer... não lembro o que me matou...

No entanto, quando abri os olhos na manhã de Natal, estava morta. Não demorei para perceber que tinha morrido, bastou apenas notar a ausência de reflexo no espelho e a falta de vontade de fazer coisas básicas. Fiquei feliz por estar morta, significava que eu estava prestes a reencontrar Júlia. Mas esse momento nunca chegou.

Isso é um castigo divino? Me prender aqui para sempre? Acho que não. Talvez seja porque, em todos os momentos, eu percebo o quanto desperdicei minha vida. Poderia ter tido tanto, poderia ter feito tanto. Poderia ter sido uma enfermeira, uma professora ou até mesmo uma astronauta. O mundo era tão grande e cheio de possibilidades, um coração partido não deveria ter sido meu fim. Eu fui uma tola, e agora não sou nada, só mais uma garota morta, olhando para uma casa morta, esperando o momento que finalmente vou poder partir para encontrar minha esposa.

Lembra-se, meu caro leitor, de falar que me esqueci de muitas coisas? E notou por acaso, que não mencionei meu nome em nenhum momento? É simplesmente porque não tenho lembrança do meu nome. Meus documentos foram todos queimados, duvido que tenha sobrado algum para você dar uma olhada, e existem centenas de túmulos naquele cemitério. Isso é, se o meu estiver identificado. Levou muito tempo até notarem que eu não aparecia para vender os produtos que cultivava e me encontrarem morta na frente da árvore de Natal.

Sinto muito lhe decepcionar, mas essa história não tem final feliz. Infelizmente, não está em minhas mãos conceder um milagre de Natal. Eu não sou nada, lembra disso? Não tenho nem mesmo um nome. Pode ir embora agora, vou continuar aqui, esperando o momento em que finalmente poderei ir para a próxima parte, encontrar a tão desejada paz...

Desejo a você que leu até aqui uma vida longa e feliz, da qual você realmente possa se orgulhar. Vou ficar aqui mais um tempo, ainda perdida em minha angústia, mas agradeço sua visita.

Ah, antes de ir embora, se importa de colocar a estrela na árvore de Natal?

Quero sentir novamente que tudo vai ficar bem...

## Sobre a autora:

Manu Silva, natural de Santa Catarina, é uma escritora amadora desde muito jovem, criada em total contato com os livros e a arte. Já foi medalhista em algumas competições de poesias locais e também é uma grande fã do terror e histórias de ficção.

**Instagram:** [lunablanca\\_5](https://www.instagram.com/lunablanca_5)

# O verdadeiro sentido do Natal

Por João Neto

O sorriso do pequeno Matheus abriu uma fenda de luz no circuito de videomonitoramento do Shopping Morumbi. Mesmo daquele ângulo isométrico e com aquelas lentes de baixa resolução – cinematografia tão comum na reportagem policial dos jornais da tarde – pôde-se ver o sorriso incompleto do garoto, que há poucos dias perdera seu primeiro dente de leite. Ele não sabia, mas seu dente caíra prematuro, fruto de uma má nutrição que o acompanhava desde o primeiro dos seus cinco anos de vida.

O garoto entrou no shopping acompanhado por seu pai, por sua mochilinha azul desbotada e pelos olhares dos seguranças. Não percebeu os últimos, pois havia outros e mais interessantes estímulos ao seu redor.

Ao passar pela porta do shopping, Matheus foi recepcionado por uma corrente de ar fresco que em nada lembrava o abraço quente do vento que soprava naquela época do ano nas ruas onde cresceu. Esse ar gelado trouxe consigo um cheiro que nunca havia sentido antes. Um cheiro doce, que lhe embriagava os sentidos e o fazia esquecer-se de seu próprio cheiro.

Quando seu olfato se adaptou à nova realidade, seus ouvidos passaram a registrar a suave música que parecia vir de todos os lugares, e de nenhum ao mesmo tempo.

*Jingle bell, jingle bell, jingle bell rock*

*Jingle bells chime in jingle bell time*

*Dancin' and prancin' in Jingle Bell Square*

*In the frosty air*

Reconhecia na música o coro e o ritmo do refrão, mas ela entoava um idioma estranho, com palavras que seu pai ainda não o tinha ensinado.

Por falar em seu pai, Jerônimo segurava sua mão. Desenlaçou-a brevemente para limpar o suor acumulado em sua testa negra e rugosa. Foram quarenta minutos de

caminhada sob o sol de dezembro até chegar àquela parte da cidade. Sua velha camisa bege estava ensopada de suor, mas cada botão pendia abotoado.

Jerônimo vivia há 48 anos na rua.

Aos 12 anos perdera a audição devido à uma infecção não-tratada. Foi abandonado por sua mãe e passou a mendigar. Depois: engraxate, flanelinha, carpidor, carregador de caminhão. Há quatro anos decidira aprender a contar e virou vendedor de balas. Agora ensinava o ofício a seu filho.

Ao passar pela porta do Shopping Morumbi, Jerônimo viu o mesmo teatro que maravilhou Matheus, porém, com duas importantes exceções: não ouvia mais os sinos e já conhecia aquela peça. Ele viu a grande árvore de plástico, a neve de algodão e as renas de gesso com seus narizes de lâmpadas incandescentes. Viu o boneco de gorro vermelho e barba sintética, viu os pisca-piscas: montes de vagalumes coloridos e mortos.

Acima de tudo, viu os rostos – multidões sorridentes indo para lá e para cá. Achou todos tão mais limpos e claros e bonitos que ele. Não sabia porque, mas sentiu raiva. Uma raiva tida apenas por quem aprendeu que existir é uma grande humilhação. Teve vontade de sair dali.

Mas não pôde, pois seu filho sorria.

Matheus era uma criança. Uma criança sem televisão, sem internet, sem acesso à literatura, mas uma criança. E, por ser criança, adorava super-heróis.

Alguns meses atrás, Jerônimo encontrou seu filho gritando, próximo a sacos de lixo. Seu coração disparou, sabia que as sacolas que guardavam o alimento necessário para sobreviver por mais um dia também escondiam perigos. O homem correu até o garoto e o viu segurando um pedaço de papelão. Era uma embalagem de fastfood. Nela, via-se em letras amarelas as palavras “PANTERA NEGRA” e uma ilustração do herói saltando para frente, mostrando as garras como se quisesse ser o primeiro a revirar a xepa da feira em busca de alimento. A criança sorria, pulava e abraçava aquele pedaço de papel.

“Pantea, pantea!”.

Aquele naco de papelão logo se tornou o brinquedo preferido de Matheus. O “Pantea” lutava contra garrafas plásticas, chinelos velhos e todo tipo de imundice que lembrasse um vilão. De alguma maneira, o “Pantea” sobreviveu a todos os encontros, e

acompanhou seu filho para onde quer que fosse – dentro de sua mochilinha, envolto aos inimigos de sempre.

Aquele pedaço de papelão fez o garoto começar a sonhar alto. Agora ele queria um boneco do herói.

Aos cinco anos, Matheus passou a trabalhar mais horas nas ruas. Além de caixeiro, aprendeu a encontrar vagas de estacionamento, assar amendoim e quais os melhores horários e cruzamentos para mendigar.

Se é verdade que o trabalho dignifica o homem, então – respeitada a justa proporção – com a criança não devia ser tão diferente. Por isso, naquele dia, antevéspera de Natal, Matheus sentia-se digno. Compraria o boneco, colheria os louros de sua labuta.

Os três atravessaram a multidão de rostos lindos e rosados. Não precisaram procurar muito até acharem uma grande loja de brinquedos.

Do lado de fora, um palhaço gesticulava e brincava com as crianças que passavam. Matheus olhou para ele e viu sobre seu olhar alegre o mesmo suor que se acumulava nas rugas da testa de seu pai. Cumprimentou-o sorrindo e recebeu dele um pirulito e um sorriso, ainda maior, embora menos espontâneo.

Se o Natal realmente existia, não havia equívocos: tinha que ser aquele lugar.

Entraram na loja.

A mão de seu pai se apertava mais firmemente à de Matheus quanto mais pessoas se aglomeravam ao redor deles. Era uma imensa loja de departamento, e o fluxo incessante os impedia de examinar as prateleiras com a atenção necessária. Ficariam perdidos em meio a tanta gente se não fosse a experiência acumulada nos anos em que viveram entre os incontáveis carros, ciclistas e pedestres nas ruas da capital.

Os dois andaram mais um pouco pelos labirínticos corredores da loja, sem sucesso.

Então, uma mulher veio ao encontro deles. Ela vestia um uniforme com as cores da loja, em seu peito um crachá trazia em letras grandes a palavra “GERENTE”. Ela perguntou o que eles queriam e, antes de qualquer resposta, completou dizendo que eles deviam ir embora. Jerônimo olhou para o filho e fez um gesto ansioso com as mãos. A criança entendeu. Abriu a mochila e entregou seu estimado pedaço de papelão ao pai. Na aflição do momento, nem se lembrou de fechar a bolsa.

Jerônimo mostrou a imagem amassada, suja e desbotada do herói para a gerente.

“Quero boneco”.

A mulher gesticulou com a cabeça, falou qualquer coisa num tom ríspido e acenou para a saída, aparentemente já não havia mais bonecos daquele. Esgotara.

A decepção nos olhos do pai comunicou a Matheus tudo o que ele precisava saber. O garoto pegou de volta seu recorte do Pantera Negra e segurou-o delicadamente com as duas mãos.

Seu pai sentiu em seu próprio peito a tristeza estampada no rosto do filho. Buscando uma saída, olhou para os lados e viu, numa prateleira um pouco mais acima, um carrinho de polícia. Apontou para ele. Matheus sorriu, pensou que o carro seria um substituto adequado, ao menos por enquanto. Ele nunca tinha visto os filmes ou lido as revistinhas, mas, naturalmente, um herói justo e correto como o “Pantea” andaria pela cidade em um carro de polícia para combater o crime.

Vendo o sorriso do filho, o homem deu-lhe as costas para encarar a prateleira e esticou-se para alcançar o carrinho.

Nesse momento, uma criança se aproximou do filho de Jerônimo. Ela era branca, cabelos pretos e brilhantes, olhos azuis e devia ser um ou dois anos mais nova que Matheus, embora fosse ao menos um palmo mais alta e 10 quilos mais pesada.

O garoto viu o encarte que Matheus segurava.

“Você também gosta do Pantera Negra?”.

Matheus assentiu. Então, o recém-chegado mostrou o boneco que segurava: era ele, o Pantera Negra. Um boneco grande, ainda na caixa, lacrado e com o adesivo da loja. A gerente mentira? Não importava. A criança estendeu o boneco para Matheus.

“Presente de Feliz Natal pra você”, disse, na gramática torta da infância.

Matheus não reagiu. Ficou parado. Seus olhos encheram-se de lágrimas. Levou as mãozinhas ao rosto, tentando segurar o choro, porém, não era mais possível. Chorava e não sabia se de alegria ou de surpresa: não sabia que coisas boas também pudessem acontecer na vida. Se o Natal realmente existia, devia ser aquele instante.

Vendo que Matheus não estendia as mãos para receber o presente, seu novo amigo colocou o boneco em sua mochila, em meio aos chinelos e garrafas plásticas. Em seguida, a criança o abraçou, numa tentativa de consolá-lo.

Foi quando a mãe do garoto chegou e o puxou com violência.

“O que está fazendo, Henrique? Sabe que não pode se afastar de mim. Sabe que não pode falar com estranhos”. As bochechas rosadas do garoto se avermelharam e ele foi embora, chorando.

Jerônimo não ouviu nada, nem poderia. Viu a criança ir embora sem entender. Viu o filho aos prantos. Gesticulou pedindo ao filho para explicar o que havia acontecido, mas Matheus ainda estava em choque com o gesto de inocência e carinho do garoto Henrique, e da reação violenta de sua mãe. Matheus conhecia mais a reação da mãe do que a ação do filho, conhecia mais o desprezo que a caridade. A contradição era demais para seu pequeno cérebro, que reagia como sabia: chorava e chorava.

Ao ver a situação do filho e a cena estranha da mulher carregando a outra criança para longe, Jerônimo teve um mal pressentimento. Pensou que Matheus tivesse brigado com o outro garoto. Pensou que aquela mulher já estava, neste instante, falando com a gerente e que a gerente, por sua vez, estivesse falando com polícia. E que a polícia, como era hábito, devia estar com armas em punho, gritando ordens às suas costas. Ordens que ele não poderia ouvir.

Jerônimo segurou mais uma vez a mão do seu filho e foi ao caixa a passos rápidos. Tirou as moedas notas amassadas do bolso da camisa bege suada. Sua mão tremia, o pensamento era difuso, queria ir embora.

Matheus, por sua vez, notou a preocupação do pai. Queria explicar-lhe que aquele era o dia mais feliz de sua vida, queria contar como acabara de ganhar de presente o boneco com que tanto havia sonhado, queria falar sobre como o Natal era um dia em que a lógica da fome, da suspeição e da violência não se aplicavam.

Pagaram pelo carrinho e saíram apressados, um sem conseguir falar, e o outro sem poder ouvir.

As luzes de Natal piscavam em vermelho e branco.

*Jingle bell, jingle bell, jingle bell rock*

*Jingle bells swing and jingle bells ring*

Enquanto se aproximava da saída da loja, Jerônimo foi se acalmando. *Tudo está bem, não tem ninguém atrás de nós, o presente está pago, deve ter sido uma briguinha besta, coisa de criança.* Matheus era uma criança esperta, sabia que não podia se meter com essa gente. Jamais faria maldade com outra criança.

*Snowin' and blowin' up bushels of fun*

*Now the jingle hop has begun*

Enquanto se aproximava da saída da loja, um pensamento tomou conta de Matheus. *Algo está errado, como um menino menor do que eu ia me dar um boneco de presente? Tudo no mundo tem um preço, é o que meu pai me ensinou. Eu vi quando ele colocou na minha mochila, o boneco ainda está com a etiqueta da loja. Isso não é presente, ninguém pagou por ele. Henrique é uma criança inocente, eu sou uma criança burra.*

Foi quando pai e filho atravessaram o portão de saída.

*What a bright time, it's the right time*

*To rock the night away*

A luz antifurto se ascendeu em vermelho, porém, Matheus não compreendeu: deviam ser luzes de Natal.

*Jingle bell time is a swell time*

*To go glidin' in a one-horse sleigh*



A sirene antifurto soou. No entanto, Jerônimo não ouviu nada, nem poderia.

O palhaço na porta da loja olhou assustado para os dois.

*Giddy-up jingle horse, pick up your feet*

*Jingle around the clock*

Os seguranças os abordaram, tentando tirar o carrinho de polícia das mãos de Matheus. Jerônimo não aceitou.

“Paguei, paguei”, gritou. Tentou se colocar entre o filho e os seguranças. Recebeu um soco.

*Mix and a-mingle in the jinglin' feet*

*That's the jingle bell rock*

Um dos seguranças empurrou Matheus. O carrinho escapou de suas mãos e seu corpo se chocou contra uma vitrine. Seu rosto bateu contra o vidro e ele perdeu mais um dente, este também caiu prematuro.

*Jingle bell, jingle bell, jingle bell rock*

*Jingle bells chime in jingle bell time*

O segurança pisou sobre o peito de Matheus para mantê-lo no chão. O fedor que vinha da sola bota do homem dissipou o aroma doce e artificial do ar condicionado e fez Matheus recordar-se de seu próprio cheiro.

Seu pai saltou contra o guarda, que puxou a pistola.

*It's Christmas.*

Dentro da mochila, o boneco do Pantera Negra quebrou-se sob o peso da bota do guarda. A garrafa plástica e o par de chinelos – seus antigos inimigos – dobraram-se ao seu redor, como uma cadela vela sobre sua ninhada para protegê-la dos perigos da noite.

As lágrimas do pequeno Matheus abriram uma fenda luminosa no circuito de videomonitoramento do Shopping Morumbi.

*Nesta sexta-feira, véspera de Natal, um homem identificado como Jerônimo da Silva foi morto após tentar roubar uma loja no Shopping Morumbi. Jerônimo estava acompanhado de um menor de idade, que foi encaminhado para um instituto sócio educativo. As câmeras de vigilância registraram o momento em que, durante a fuga, o alarme da loja disparou e os dois suspeitos foram abordados pelos seguranças. A loja não divulgou os valores furtados, mas a polícia afirma que esse tipo de crime é muito comum nesta época do ano...*

## Sobre o autor:

João Neto é professor da Rede Estadual do Espírito Santo. Descobriu a literatura através da coleção Vagalume e apaixonou-se por ela quando entrou em contato com os universos fantásticos de Artemis Fowl, Harry Potter e O Senhor dos Anéis. Na universidade, mergulhou na literatura brasileira e no estudo da produção crítica. Produziu crítica cultural entre 2010 e 2017 e histórias de fantasia durante a pandemia. Largou tudo pra pintar bonequinhos.

**Instagram:** [netojpv](#)

**Inkspired:** [joao-neto](#)



Enfim, chegamos ao desfecho desta edição especial de Natal d'O Autômato. Agradecemos a todos que se envolveram com nossas narrativas natalinas e esperamos ter proporcionado bons momentos de diversão – na medida do possível, claro – nesta data tão significativa. Se encontrou valor nas páginas que compartilhamos, considere dividir essa experiência com sua família, amigos e colegas, ajudando a expandir o alcance da revista e a incentivar o trabalho de nossos autores. Além disso, não deixe de nos acompanhar no Instagram, onde divulgaremos novidades e atualizações sobre o projeto. Que este Natal seja repleto de boas histórias e alegrias para todos! Até a próxima leitura e boas festas!



@OATOMATO\_REVISTA

Até a próxima edição!